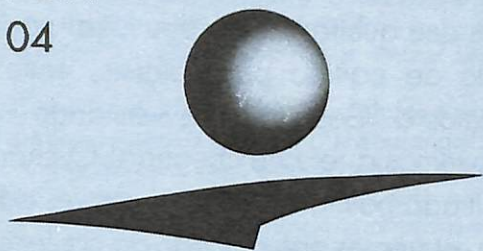


CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



G E S T Ã O
P S I C O D I V E R S I D A D E

i o r n a l d o
P S I C Ó L O G O

BELO HORIZONTE, ANO 12 • Nº 50
A B R I L / M A I O 1 9 9 5

■ **Entrevista** - O cineasta André Luiz Oliveira, diretor de "Louco por Cinema", revela um pouco do que corre em suas lentes. Pág. 3



■ **Universidade** traz uma síntese da pesquisa "Sujeito e História: Os Ideais e Interesses das Crianças Mineiras Revisitados", realizada por equipe da UFMG. Pág. 5



■ Em **Revista**, o filme "Louco por Cinema", sob o olhar do psicanalista Musso Garcia Greco. Pág. 7



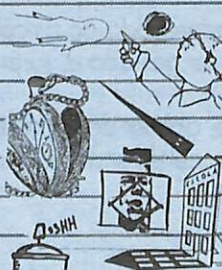
■ **Idéias** traz uma abordagem da "Psicomotricidade Relacional", pela psicóloga Suzana Veloso Cabral. Pág. 9



■ **Diversidade** - Assusam e Hospital-Dia, dois braços da luta antimanicomial. Pág. 11



■ **Suplemento** - JP 50: um espaço conquistado



As entidades da área de Psicologia estão se articulando para batalhar pelo projeto de lei que institui o piso salarial da categoria. O projeto chegou até o Senado, onde recebeu o substitutivo do então senador Almir Gabriel e posteriormente foi arquivado. No momento, a Fenapsi - Federação Nacional dos Psicólogos - está fazendo os primeiros contatos naquela casa legislativa para tentar desarquivá-lo. De acordo com Túlio Franco, coordenador-geral do Psind - Sindicato dos Psicólogos de Minas Gerais - o projeto, que institui piso salarial de 800 URVs/ 30 horas, têm incidência sobre os psicólogos que trabalham em empresas privadas e deve ser ampliado.

● CRP-04 parabeniza a nova direção do Sindicato dos Psicólogos de Minas Gerais, Psind, empossada no dia 16 de fevereiro de 1995, e deseja a seus membros sucesso em sua gestão.

Apesar de o Congresso Nacional Constituinte da Psicologia ter deliberado pelo voto facultativo, a sua efetivação depende de mudanças na lei, e na próxima eleição para o corpo de conselheiros dos CRPs e do CFP o voto ainda é obrigatório. Serão acatadas justificativas de impossibilidade de comparecer à votação.

Editais das Eleições - O Conselho Regional de Psicologia - 4ª Região (MG/ES), através de sua Comissão Eleitoral, designada pela portaria CRP-04 nº 007/95 de 08.04.95, e nos termos do Regimento Eleitoral aprovado pela Resolução do Conselho Federal de Psicologia CFP nº 001/94, convoca uma assembléia geral para a renovação de seus membros, a realizarse no dia 28 (vinte e oito) de agosto de 1995, em local e hora a serem posteriormente comunicados. Na oportunidade serão preenchidas 13 (treze) vagas de conselheiros efetivos e 13 (treze) de conselheiros suplentes, nos termos do art. 05, b da Resolução CFP nº 004/86, para este regional e, também votação em chapa nacional composta por 09 (nove) conselheiros efetivos e 9 (nove) conselheiros suplentes para compor o Conselho Federal de Psicologia. Os nomes dos integrantes das chapas que concorrerem ao Conselho Regional de Psicologia (treze efetivos e treze suplentes) deverão ser entregues à Rua Tomé de Sousa, 860, conj. 1001/4, bairro Funcionários, em Belo Horizonte, no período de 28 (vinte e oito) de abril até 13 (treze) de julho de 1995. As chapas que concorrerem ao Conselho Federal de

Psicologia deverão ser inscritas no Conselho Federal de Psicologia, através de requerimento dirigido à Comissão especial, devendo apresentar atestados fornecidos por cada um dos respectivos conselhos regionais de que estão devidamente inscritos e em dia com a tesouraria e preencher os demais requisitos dos arts. 7º e 8º do R. Eleitoral, abaixo discriminados, para chapas que concorrerem ao CRP. E deverão ser inscritas pessoalmente por um de seus integrantes ou por procurador legalmente habilitado, ou ainda, por correspondência registrada via SEDEX, considerando-se para efeito de prazo a data da postagem. As chapas que concorrerem ao Conselho Regional de Psicologia deverão ser apresentadas em duas vias datilografadas, através de requerimento dirigido à Comissão Eleitoral, firmado pelo encabeçador da chapa, acompanhado de declarações de concordância assinadas pelos demais integrantes, contendo ainda: nomes dos candidatos; suas qualificações e endereços atualizados, declaração de cidadania brasileira e de encontrarse em pleno gozo de seus direitos profissionais; ter inscrição principal no CRP-04 há pelo menos 2 (dois) anos na data da inscrição da chapa e domicílio na região correspondente; inexistência de condenação a pena superior a dois anos, em virtude de sentença transitada em julgado, salvo reabilitação legal; inexistência de penalidade por infração ao Código de Ética, transitada em julgado há menos de 5 (cinco) anos; estar quite com a tesouraria do CRP-04, relativamente aos exercícios anteriores. Os candidatos não poderão: ocupar cargo ou função com vínculo empregatício ou de contratos de prestação de serviços em Conselho de Psicologia; ter perdido mandato eletivo em Conselho de Psicologia, excluído o caso de renúncia; integrar a Comissão Eleitoral. O voto será dado à chapa completa entre as inscritas e aprovadas, e considerarse-á vitoriosa aquela que obtiver maioria simples de votos. O voto é secreto e pessoal (não sendo permitido o voto por procuração), intransferível e OBRIGATÓRIO, incorrendo o psicólogo faltoso em multa nos termos da Lei nº 5.766 de 20.12.71, salvo se apresentar justificção por escrito dentro de noventa dias, contados a partir da data da realização do pleito. A comprovação de impedimento far-se-á por declaração própria ou de terceiro. Será permitido o voto por correspondência a todos os residentes e domiciliados em municípios onde não forem instaladas mesas eleitorais, ficando estabelecido que somente será computado o voto se este chegar à mesa eleitoral especial, na sede do CRP, até o momento de encerrar-se a votação. Belo Horizonte, 27 de abril de 1995. A Comissão Eleitoral.

Reta final

Foi dada a largada rumo às eleições 95. O CRP-04 encontra-se disponível para receber inscrições e dar informações a todos aqueles que queiram tomar seu lugar na "pole position".

Ponto de partida para alguns, entretanto para nós, que compomos a "Gestão Psicodiversidade", pouco nos falta para que cruzemos a reta de chegada! O chão que ainda nos resta será trilhado palmo a palmo, e através das contribuições da 4ª Região estaremos participando da confecção das novas leis que virão a reger nossa Autarquia e nosso exercício profissional.

Pilotando nossa entidade, sem a pretensão de nos compararmos ao nosso saudoso Ayrton Senna, passamos por curvas, retas, algumas correções de rumo, bifurcações e trevos, buscando sempre novos caminhos, sem contudo perder de vista nosso ponto de partida: o acolhimento à multiplicidade, à PSICODIVERSIDADE.

Agora na reta final, a "bandeirada" irá coincidir com nosso I Congresso Mineiro de Psicologia, em setembro próximo.

PSICOLOGIA: DIVERSO UNIVERSO. O mote escolhido sugere a pretensão de que possamos nos reunir para uma grande troca, falando a partir de qualquer lugar que ocupemos no "espaço psi", sobre temas gerais e particulares, seja de nossas reflexões teóricas ou do cotidiano de nossa prática profissional.

Buscamos, através dos subtemas propostos, revigorar discussões acerca do que sustenta a práxis dos psicólogos em suas implicações sociais. Apostando que, ao termos maior clareza de nosso compromisso ético, epistemológico e político, faremos uma Psicologia, seja ela ortodoxa ou heterodoxa, de melhor qualidade.

O I Congresso Mineiro de Psicologia visa criar um grande espaço de interlocução, onde a participação e contribuição de cada um de nós é especialmente importante, por acreditarmos que nos constituímos na diferença e que só a partir do debate entraremos em sintonia com a demanda do povo brasileiro, que clama por melhores serviços.

Uma vez dada a largada, nesta reta final aguardamos inscrições de chapas e sua contribuição para o enriquecimento da Psicologia e de todos nós, psicólogos. Até já!

7º Plenário - Gestão Psicodiversidade

Louco por Jornal

Louco por cinema? Também, mas principalmente louco por jornal. Só assim podemos nos compreender e entender como um "bando de idealistas (quixotes?)" vem apostando insistentemente na possibilidade de editar um jornal que, antes de tudo, tem o compromisso com o novo, com a invenção e que, para além deste compromisso - ou por causa dele - procura laçar o leitor tentando ser atraente, democrático, inteligente e plural.

E esse "bando" se dispõe a realizar inúmeras reuniões, debates, bate-bocas, telefonemas, discussões, correrias, enfim - um ir e vir - até que a publicação esteja pronta e endereçada ao psicólogo. Ai recomeça tudo ... outro número do JP precisa ser gestado e, surpreendentemente (?), com o maior prazer.

E é com imenso prazer que, apesar das (a)diversidades, chegamos ao nº 50 do Jornal do Psicólogo, celebrando o reconhecimento da grande

maioria dos psicólogos da 4ª Região. Reconhecimento que se traduz nas inúmeras cartas de elogios e incentivos, assim como nos telefonemas que atendemos quando o JP, por algum motivo, atrasa (só um pouquinho...) e o leitor cobra, querendo saber o que aconteceu, por que não recebeu ainda, quando vai chegar etc.

Quero registrar aqui o agradecimento ao atual plenário - Gestão Psicodiversidade - do CRP-04 por acreditar e bancar o nosso jornal, bem como agradecer, especialmente, à equipe técnica que torna possível a realização dessa "loucura", a saber: a jornalista Luciana Tonelli, os ilustradores Marcelo Kraiser e Marcelo Xavier e a responsável pela edição gráfica, Cláudia Barcellos.

Nesses atuais tempos modernos, em que os psicólogos bravamente vêm questionando uma lógica de exclusão, buscando o convívio com as diferenças e a adesão à luta antimanicomial, só nos resta confessar que: somos loucos por jornal!

Ricardo F. Moretzsohn

Coordenador da Câmara de Comunicação Social

■ André, que loucura foi essa de fazer "Louco por Cinema"? Como surgiu a idéia para o roteiro? Conte-nos como a sua prisão, em 73, "contribuiu" para o surgimento do filme.

● Em primeiro lugar te digo que eu poderia ter feito "Louco por Teatro", "Louco por Literatura", louco por tantas coisas... e sobretudo "Louco por Música" que sou, de fato. O cinema entrou na estória como pano de fundo, cenário, para o desenrolar da minha trama, drama ou comédia. O cinema me persegue como uma tentação permanente desde muito cedo, na Bahia. Tentei sair da sua aura, fiquei ausente vinte anos mas ele voltou, sobrepondo-se às minhas outras formas de expressão (artísticas?). Entretanto, não posso afirmar com segurança que sou um louco por cinema. Talvez eu seja louco pelo encantamento e desafio que ele propõe. A idéia para o roteiro veio surgindo na medida em que fui lentamente digerindo e compreendendo o significado último da minha prisão. Esse longo processo de consciência me habilitou a costurar a ferida com humor, amor e desapego.

■ Quando te prenderam "sem identidade, cabelos compridos e uma beata no bolso", você já tinha "um personagem nas costas": "Meteorango Ego Kid", do seu primeiro longa. A sua relação com este personagem tinha alguma semelhança com a relação entre Luca e Eugênio, em "Louco por Cinema"?

● Absolutamente sim. Eugênio é o paradigma de todos os cineastas e artistas que conheci e da própria imagem que tinha de mim mesmo, com a qual estava identificado: arrogante, arredo, visionário, paternalista, louco, rebelde e genial. Meteorango Kid era isso, um "encosto" que eu carregava inconscientemente (evidente que ainda o carregava, mas a consciência que tenho hoje limita a sua influência). Quando me prenderam sem documento de identidade, prenderam a ele, o personagem - e eu fui junto (sic) por solidariedade compulsória. Para mim foi um choque! Uma agressão tão grande que de repente "acordei", me desidentifiquei. Pude então enxergar e trabalhar o que me estava acontecendo. Daí a verdadeira "contribuição" da prisão para o desenrolar da minha história e, conseqüentemente, do filme "Louco por Cinema", como expressão dela.

Neste JP, o papo é com o cineasta, músico e compositor André Luiz Oliveira. O autor do filme "Louco por Cinema" - vencedor do 27º Festival de Cinema Nacional de Brasília (ver texto pág. 7) - e de "Meteorango Kid, o Herói Intergalático" (69), um clássico do cinema underground, se diz um "louco por música" e assina a produção e composição musical do disco "Mensagem", com poemas musicados de Fernando Pessoa, além de dirigir comerciais para a TV. Aqui ele fala da vivência que inspirou seu último filme, de seu envolvimento com a luta antimanicomial e também de outras viagens. Aperte os cintos e embarque com a gente.



■ Tendo rodado um filme dentro de um manicômio, como você vê o fim dessas instituições em nosso país? Isso seria mesmo, como alguns preconizam, ameaçador para a população?

● Eu rodei o filme em um estúdio no município de Sobradinho, perto de Brasília. Construímos o cenário exatamente igual à enfermaria em que estive preso, o Manicômio Judiciário Lemos de Brito, no Rio de Janeiro. A arte serve também para isto. Para mim, os manicômios têm que acabar de qualquer maneira. O processo e a forma de como isto pode ocorrer, os técnicos humanistas terão condições de decidir e colocar em prática. O filme tem condições de ajudar e deve contribuir para que isto aconteça. É só uma questão de mobilização.

Não podemos mais conviver com estas fábricas (bastante lucrativas) de loucos. Para resumir o que penso de hospícios eu digo que são lugares onde se lascaram corpos e estupram almas. Esta é uma imagem deflagrada em mim através da experiência trágica e heróica de Astragésylo Carrano, um formidável escritor que padeceu durante três anos numa dessas instituições em Curitiba. A comunidade de BH precisa conhecer o seu livro "O Canto dos Malditos", assim como toda a obra de Stanislav e Cristina Grof. Não posso deixar de falar também nos livros de David Cooper. Dra. Vera Cooper, personagem do meu filme, é uma homenagem a este fantástico médico e psicoterapeuta sul-africano que criou o movimento "antipsiquiatria" na Inglaterra juntamente com Ronald Laing.

■ Em Brasília, o filme foi projetado para a Associação dos Usuários de Saúde Mental. Como foi a reação do público?

● As reações ao filme têm sido sempre calorosas e preenchidas de um sentimento verdadeiro. Tenho sentido isto das pessoas. O destaque, como aconteceu em BH, foi para Samuel Barros Magalhães, coordenador da ASSUME - Associação dos Usuários de Saúde Mental de Taguatinga, um "usuário" assumido que fez comentários extremamente lúcidos.

■ Conte-nos o que alguém já tarimbado e curtido na película do underground precisa fazer para filmar hoje, no Brasil. O cinema nacional, enfim, sacudiu a poeira das câmeras e deu a volta por cima da burocracia?

● Ao longo da minha vida realizei três longas-metragens, oito curtas, dezenas de comerciais para televisão, muitos vídeos e conheço profundamente o ofício, mas não sou um cineasta de carreira. Por incrível que possa parecer, o cinema é o meio de expressão que me chegou por um período, depois se afastou, agora voltou com o "Louco" e parece que está indo embora novamente. Estou saindo rapidamente do cenário, portanto nem saberia dizer o que se precisa fazer para filmar hoje no Brasil, embora este seja o momento do renascimento da produção do cinema brasileiro, que andou estagnada, e do recontato com o público. O que falta para o cinema brasileiro emergir hoje como indústria competitiva, conservando a vitalidade e criatividade que ele sempre demonstrou, é coragem política do Governo para fomentar (grana subsidiada sem tutela) amplamente através de mecanismos de mercado, criar as leis de amparo à distribuição, exibição, incluindo divulgação, intermediar parcerias com o empresário e a televisão. Só isso. Temos um governo inteligente e sensível à importância do cinema? Temos um governo corajoso e decidido a enfrentar o poder por trás do produto estrangeiro que domina 99% do nosso mercado de exibição? Dentro desse quadro não há cinema que dê a volta por cima.

■ Você afirmou que quando escrevia o roteiro "não estava preocupado em filmar, só queria me curar". Clareie isto para nós, dizendo o que representou para você fazer o filme.

● Foram anos de "trabalho terapêutico" - todas as linhas a partir de Freud, Jung, Reich, inclusive as alternativas. Este trabalho de reconstituição psicológica de mim mesmo colocou-me em contato com os caminhos de desenvolvimento espiritual que sempre busquei: yoga, meditação, artes macias, astrologia etc (na verdade o Caminho é um só, entretanto, para encontrá-lo, há que se passar por muitos). Fazer o filme foi experienciar o processo de passagem do que era inconsciente para o consciente. Foi permitir o esclarecimento de minha história, de minha vida, "trabalhando". A partir de um determinado momento, me coloquei à disposição, isto é, comecei a participar e cumprir as mínimas regras do jogo, como: plasmar a idéia em um papel, escrever o roteiro, encontrar o produtor certo na hora certa, me inscrever em concursos, organizar equipe de filmagem, convocar atores etc. Realmente o meu objetivo principal era esclarecer uma experiência profundamente rica que havia me acontecido. Portanto, somente a oportunidade de realizar o filme já foi para mim um prêmio extraordinário.

■ Por que a escolha da cobra que morde a própria cauda para símbolo do filme?

● A cobra que morde a própria cauda chama-se "Uroborus". É um símbolo primitivo da Consciência. O Todo. O princípio e o fim. O círculo que se fecha e se abre para um novo começo. Significa também a idéia do eterno retorno que propicia o crescimento infundável da alma. Isto para mim tem tudo a ver com o processo psicológico de retorno ao ponto de ruptura, da "perda da razão" do personagem Lula. Meu mestre Fernando Pessoa tem um ensaio hermético sobre a iniciação nos mistérios gnósticos chamado "The Serpent Way". Há também referências a "Uroborus" no livro de Jung, "Psicologia e Alquimia", e em muitos outros.

■ Você abordou, através de imagens, a delicada e misteriosa relação entre loucura e arte, com esta última oferecendo saídas para a primeira. Gostaríamos de saber um pouco mais como você pensa essa relação.

● Eu não coloquei nada intencional a este respeito no filme. Não que eu não acredite em arteterapia, muito pelo contrário, acho que é um meio de estabelecer um contato, de processar uma linguagem etc... e que pode salvar a vida do paciente ou usuário (aproveito este veículo especializado para deplorar estes nomes, ou usuário e "técnico", como infames e inadequados). O personagem Eugênio que entra na tela e que pode significar uma saída arteterapêutica embutida no filme também pode significar que ele está numa dimensão que só o louco (Lula) o vê. Seguramente este tema da arteterapia não me serviu como premissa e sim como um artifício técnico de roteiro para desenvolver a estória. O mais correto é dizer

A praça ouve os excluídos

A rotina da Praça 7, no Centro de Belo Horizonte, teve seu ritmo alterado no dia 18 de Maio por apresentações de teatro, música, vídeo e poesia, armações ilimitadas do Dia Nacional de Luta Antimanicomial, comemorado também em outras capitais e cidades do interior. Em sua oitava edição, o 18 de Maio é um marco da luta pela cidadania do doente mental e representa o braço do movimento que busca sensibilizar a sociedade para a questão. Sob esta ótica, a psicóloga Gisele Onete Marani Bahia, ex-coordenadora de Saúde Mental da Secretaria Estadual de MG, afirma que a data pretende "fazer uma intervenção cultural, trazendo para o espaço público a discussão sobre o doente mental, denunciando os modelos de exclusão e reivindicando os direitos de cidadania do louco".

A psicóloga garante que já podem ser percebidos sinais de mudanças na relação da sociedade com a loucura e aponta como alguns desses sinais a utilização mais frequente dos serviços ambulatoriais e a ausência de crise ligada às internações psiquiátricas nos últimos quatro anos - "não se vê mais crise na porta de hospital por falta de vaga, o que significa que a população está buscando os serviços ambulatoriais e percebendo a loucura de outra maneira", analisa. Ela ainda cita outros dados significativos, como o fechamento de hospitais psiquiátricos na rede mineira do SUS. Em contrapartida, houve um aumento de mais de 200 serviços substitutivos de Saúde Mental que, segundo Gisele, "vêm cumprindo bem o papel de substituir o manicômio, já que não houve crise de desassistência".

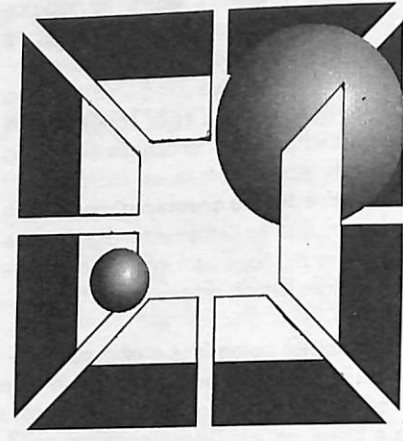
A voz dos excluídos

A Praça 7 foi o destino da passeata "Unidos contra a Exclusão", que havia saído do Instituto Raul Soares à 16 horas e transformou a rua em palco para várias manifestações e apresentações teatrais, entre elas a do grupo de teatro "Aqui Não Tem Doido Não", do Centro de Convivência Arthur Bispo. Segundo um de seus membros, Iolanda Costa, o grupo participa do 18 de Maio há três anos e afirma que "a cada ano a sociedade está se abrindo mais para o nosso trabalho, aceitando mais, apesar de ainda haver muito preconceito, muita marginalização". Iolanda ressalta que "o mais legal de tudo é que não estamos sozinhos. A luta é de todos. Todo mundo vê que a luta não é à toa".

O Centro de Convivência Betim Central também esteve presente no evento, e apresentou a peça "O Fim dos Manicômios". Na visão de um dos componentes do grupo, Adair Fortunato Ramos, a luta antimanicomial está ganhando espaço - "só está faltando mais união entre os usuários. Se isso acontecer, antes do ano 2000 conseguimos acabar com os manicômios", afirma.

Agenda da luta

1995 promete ser um ano-chave para a batalha pelo resgate da cidadania do doente mental, e Belo Horizonte um eixo importante desse trabalho. A cidade deverá sediar, na segunda quinzena de novembro, o II Encontro Nacional da Luta Antimanicomial, organizada pelo Fórum Mineiro de Saúde Mental/seção MG, que atualmente funciona como a Secretaria do Movimento. O evento deverá reunir pessoas e entidades de todo o país em torno do tema, e pretende trazer também nomes internacionalmente conhecidos.



DIVERSO UNIVERSO

Com o objetivo de criar um espaço de encontro, debates e troca de experiências entre os psicólogos, o CRP-04 realizará, de 14 a 16 de setembro de 1995, na Associação Médica de Minas Gerais (AMMG), o I Congresso Mineiro de Psicologia.

Tendo como mote o tema "Diverso Universo", o evento será aberto pela poetiza Adélia Prado no dia 14 de setembro, às 20:30 horas. A programação científica constará de quatro mesas-redondas - "Psicologia: Ciência e Epistemologia", com Lúcio Marzagão

e Luiz Cláudio Figueiredo; "Psicologia: Ética e Cultura", com Carlos Roberto Drawin e Suely Rolnik; "Psicologia: Política e Ideologias", com Célio Garcia e José Leon Crochik; e "Psicologia: Práticas Ortodoxas e Heterodoxas", com Elizabeth Bomfim e Marília Ancona Lopes. Estão previstos, também, minicursos e apresentação de temas livres durante o Congresso.

As propostas de apresentação de temas livres deverão ser enviadas para o CRP-04 até o dia 5 de julho de 1995 em duas cópias datilografadas em espaço duplo, máximo de 12 laudas (25 linhas cada) e acompanhadas de sumário. O tempo de apresentação é de 20 minutos. Os trabalhos deverão ser apresentados pelos próprios autores - inscritos no Congresso - e trazer informações adicionais sobre o autor.

LIBERTINOS/LIBERTÁRIOS

em altas doses

Proibição e gozo; normas e transgressões: "O complexo jogo de espelho que as sociedades inventaram para ordenar os impulsos e subjugar o corpo" será dissecado no curso "Libertinos / Libertários", que pretende "devassar alguns recônditos da experiência humana".

O curso, organizado pela Funarte, será realizado simultaneamente em Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Na capital mineira, acontece no período de 30 de maio a 7 de julho, no Centro Cultural da UFMG. A promoção é da Secretaria de Estado da Cultura, Secretaria Municipal de Cultura e Centro Cultural da UFMG.

Ainda nas palavras do presidente da Funarte, Márcio de Souza, "é de se esperar que ao transitarmos pelo interdito e o proibido de alguma maneira possamos escapar da platitudo das virtudes sombrias para experimentarmos críspação de chamas e paixão. De vida, afinal".

"Libertinos / Libertários" faz parte do ciclo de debates organizado por Aduato Novais, que deu origem às edições temáticas da Companhia das Letras. O curso terá 22 participantes que abordarão o tema segundo distintas formas de expressão e pensamento: literatura, teatro, comunicação, filosofia, antropologia, teologia e, entre outros, psicanálise.

Destaca-se a participação, no dia 2 de junho, de Renato Janine Ribeiro, professor de Filosofia Política e Estética da USP. Ele abordará o tema "Os dois prazeres de Teresa", baseado na obra erótica mais intensa publicada no século XVIII: "Tereza Filósofa". Outro nome de destaque é Luiz Roberto Monzani, doutor em Filosofia, autor de "Freud: o Movimento de um Pensamento". Monzani vai falar sobre o enraizamento do pensamento de Sade no século XVIII, sob o tema "La Mettrie, o lado aveludado". Será no dia 7 de junho.

No dia 7 de julho será a vez de Maria Rita Kehl, com a questão "Assédio é Libertinagem?" Este tema, segundo ela, não tem nada a ver com libertinos, a não ser "a esperança de que a proibição do assédio, além de produzir novas formas de hipocrisia, volte a empurrar o sexo para o terreno do escândalo, do escondido, da sombra - e com isto se produza um novo imaginário erótico, cheio de sutilezas que a banalização mercantil da sexualidade destruiu".

LEI CARLÃO

O prazo para a regulamentação da lei de extinção dos manicômios, marcado para 18 de maio, foi prorrogado por mais 60 dias. A Comissão que trabalha com a questão, formada por representantes do governo e de diversas entidades, entre elas o CRP-04, a Fhemig, o CRM, as Faculdades de Medicina da UFMG e Ciências Médicas, a OAB e o Fórum Mineiro de Saúde Mental reúne-se às segundas-feiras pela manhã e tem até o dia 18 de julho para concluir os trabalhos.

Enquanto a Comissão trabalha, os defensores da Lei 11.802 têm se movimentado. Como parte das comemorações do dia 18 de Maio, representantes de órgãos e entidades que apóiam a lei, entre eles o CRP-04 e o CFP, entregaram ao Secretário de Saúde de MG, Rafael Guerra Pinto Coelho, um abaixo-assinado com mais de 2.500 assinaturas pró-Lei Carlão. Os assinantes são, em sua maioria, técnicos da área de saúde, professores, familiares e pacientes.

Na oportunidade foi também entregue outro abaixo-assinado com 170 psiquiatras de MG dando seu apoio à lei, e ainda uma terceira lista de assinaturas, esta última de representantes de entidades nacionais, entre elas a Associação Brasileira de Psiquiatria, o CFP e o CFM. Constam também da lista, entre outras, as assinaturas de personalidades ligadas à área, como o vice-presidente da Associação Mundial de Psiquiatria, William Dunningham, Jurandir Freire Costa, Benilton Bezerra Júnior, Antônio Godino Cabas, Chain Katz.

SUJEITO E HISTÓRIA

Os Ideais e Interesses das Crianças Mineiras Revisitados

Regina Helena de Freitas Campos

Em 1929, a psicóloga russa Helena Antipoff foi contratada pelo governo mineiro para lecionar Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Professores do Estado. Nesta Escola, fundou um Laboratório de Psicologia. Entre os estudos realizados pelo Laboratório, durante as décadas de 30 e 40, figuram levantamentos dos ideais e interesses das crianças mineiras realizados em 1929, 1934, 1939 e 1944. Durante este período, os levantamentos eram repetidos a intervalos de cinco anos, para acompanhar a evolução dos ideais das crianças e sua relação com as transformações da sociedade mineira. Os estudos foram interrompidos em 1944, e retomados agora por nós. Nosso objetivo é avaliar como evoluíram os ideais e interesses das crianças mineiras, e verificar em que medida as transformações sócio-culturais observadas nos últimos 50 anos influíram sobre o imaginário das crianças, através da comparação entre os resultados da pesquisa atual com aqueles obtidos por Antipoff e suas alunas entre 1929 e 1944.

São conhecidos os graves problemas que afetam a infância no Brasil: pobreza, escolarização deficiente, entrada precoce no mercado de trabalho, descuido e abandono (Ribeiro e Sabóia, 1993). Entretanto, pouco se conhece sobre como as próprias crianças e adolescentes brasileiros se colocam frente aos múltiplos desafios de suas condições de vida. Os trabalhos feitos por Antipoff e suas colaboradoras constituem uma primeira tentativa de conhecer as crianças brasileiras a partir da própria perspectiva das crianças. Fornecem, além disso, preciosas informações sobre o quadro de valores e representações sociais da vida infantil que predominavam entre nós nas décadas de 30 e 40.

Os ideais e interesses infantis, se analisados como expressões das representações sociais, evidenciam como uma sociedade constrói e fala desta categoria - a criança: como a percebe, a define e que modelos lhe propõe. A representação social da criança é a resultante de diversos discursos socialmente produzidos, discursos que variam de acordo com a época histórica, o lugar de emissão, o público visado (Chombart de Lauwe, 1986). Por outro lado, o depoimento constitui evidência também de como as próprias crianças elaboram e re-presentam à sociedade os modelos e representações de que são objeto. O jogo da ima-

ginação estimulado pela exploração dos ideais e interesses documenta a dialética entre os modelos impostos socialmente e a sua reelaboração individual e coletiva pela própria categoria social visada (Vygotsky, 1988).

Em nossos estudos, consideramos que os interesses e ideais revelados pelas crianças constituem sínteses provisórias dos dois movimentos que determinam sua construção: o movimento do grupo social sobre o indivíduo, evidenciado pelos padrões de socialização privilegiados e os valores e representações sociais que veiculam, e o movimento de internalização e reelaboração compreendido ativamente pelo sujeito. O próprio uso do conceito de imaginário social evidencia esta perspectiva teórica. De acordo com Carugati et alii (1992), este conceito se vincula a esta "tendência renovada a atribuir ao ator social (homem da rua, categorias sociais ou grupos concretos, sujeito experimental) um papel central nas dinâmicas entre representações e condutas sociais".

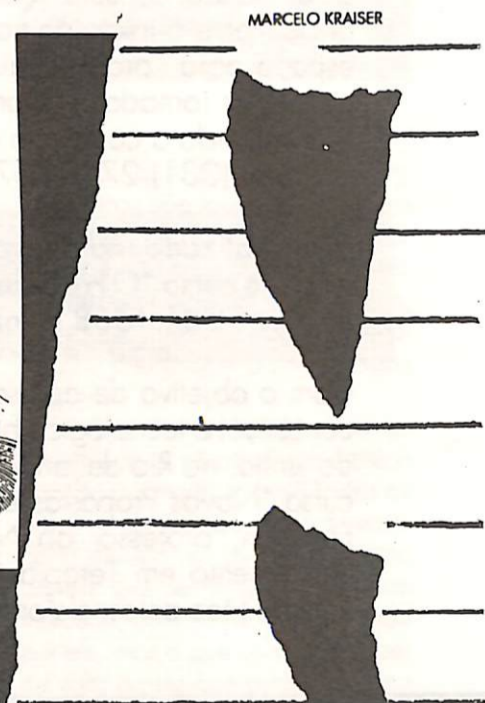
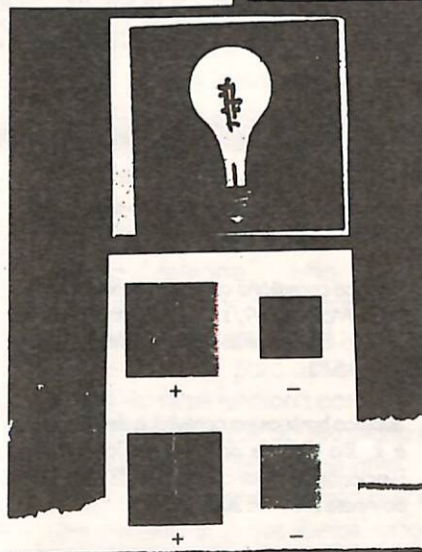
Optamos por estudar as transformações dos ideais e interesses a partir de uma perspectiva histórica, por considerar que é na história dos diferentes grupos sociais que se elaboram as representações coletivas que são transmitidas através do processo de socialização. Este processo, no entanto, não se esgota na internalização de valores e representações que simplesmente reproduzem os conteúdos transmitidos. A experiência diversificada e múltipla dos diferentes grupos sociais, e dos indivíduos em seu interior, e a própria atividade de apropriação dos conteúdos por cada sujeito histórico concreto ensejam a ocorrência de transformações nesses conteúdos.

O mesmo questionário de perguntas abertas utilizado por Antipoff e colaboradoras entre 1929 e 1944 foi aplicado a uma amostra de estudantes da 4ª série de escolas públicas de classe média e de classe operária de Belo Horizonte (mesma população das pesquisas anteriores), com idade variando entre nove e 16 anos. As respostas foram submetidas à análise de conteúdo utilizando-se aproximadamente as mesmas categorias das pesquisas anteriores, diferenciando-se as respostas por gênero e por classe social.

Os resultados evidenciam modificações importantes nos ideais e aspirações, sobretudo em relação à escolha de modelos, escolha profissional e uso do dinheiro. Em relação à escolha de modelos, observa-se a

diminuição da influência da família e um aumento dos efeitos da mídia na configuração dos ideais. Por outro lado, a escolha da profissão espelha com nitidez a percepção da estrutura social pelas crianças. Crianças das diferentes épocas e classes sociais têm uma clara percepção daquilo que a sociedade valoriza, e de que as profissões manuais vêm perdendo valor social, seja em termos de prestígio ou de remuneração. Em termos de motivos para a escolha profissional, o que se verifica é que o motivo econômico é mais citado agora que no passado pelos meninos, enquanto que as meninas citam agora com muito mais frequência o motivo filantrópico. As meninas aspiram participar do campo tradicionalmente considerado como masculino, e parecem buscar uma síntese entre o papel feminino tradicional e o mundo masculino. Já os ideais e interesses manifestados pelos meninos não evidenciam mudanças significativas na representação do papel de gênero masculino. Quanto ao uso do dinheiro, observa-se, na atualidade, sobretudo entre as crianças de nível sócio-econômico mais elevado, a tendência ao consumo, mais que no passado.

Neste número, o JP traz o tema "Sujeito e História", abordado por equipe do Departamento de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG, em pesquisa coordenada pela professora Regina Helena de Freitas Campos, doutora pela Universidade de Stanford (EUA). Colaboraram na pesquisa os estudantes Carlos Mitraud, Cláudia C. Gonçalves, Débora de Hollanda Souza, Eliane L. Guerra, Luciana S. Campanário, Maria Flora Pimenta, Rejane B. Gonçalves, Roselane M. C. de Castro e Suzana Cristina Ferreira, bolsistas de Iniciação Científica. Contatos com a autora podem ser feitos pelo telefone 448.5042 (UFMG). O CRP-04 dispõe de cópia do relatório da pesquisa para consulta ou reprodução do material.



MARCELO KRAISER

A Casa de Bernarda Alba

Um dos maiores sucessos de público e crítica do teatro mineiro nos últimos tempos está de volta. Trata-se do espetáculo "A Casa de Bernarda Alba", de Federico Garcia Lorca, com direção de Fernando Mencarelli. No elenco, a "Companhia de Artistas", formada por Alexandre Carvalho, Benvidinha D'Ángelo, Cláudio Costa Val, Geisa Alvarenga Costa, Gioconda Bretas, Gláucia Enes, Guga Barros, José Antônio do Carmo, Líbia Tavares, Myriam Campas, Paulo Fernandes, Renata Diniz, Rô Gontijo, Tina Peixoto, Vinícius Guimarães e Zuleika Marina, ex-alunos do TU.

Escrita em 1936, entre as duas grandes guerras, e, portanto, sob a tensão das disputas entre o fascismo e o comunismo, "A Casa de Bernarda Alba" tem como personagens principais seis mulheres, vítimas e prisioneiras de suas amargas relações familiares. O diretor Fernando Mencarelli incorporou ao texto original poemas de Garcia Lorca e procurou fazer uma ligação entre a cultura de Minas Gerais e sua origem ibérica.

O espetáculo tem ambientação nos pátios e corredores do histórico casarão do Teatro Universitário da UFMG, onde atores e público vão se deslocando durante toda a apresentação. A peça fica em cartaz até o dia 30 de julho, sempre aos sábados e domingos, às 18:15 horas. O TU fica na Rua Carangola, 300, ao lado da Ex-Fafich, no Santo Antônio. Os ingressos custam R\$ 10,00. Psicólogos inscritos no CRP-04 pagam R\$ 5,00 mediante a apresentação de sua carteira. As sessões limitam-se a 100 pessoas e os ingressos poderão ser adquiridos antecipadamente no Bar e Café Urubu - Rua Carangola, 300 - de segunda a sexta a partir de 17 horas. Maiores informações pelo fone (031) 342.2626.



O CENTRO DE ESTUDOS DA RELAÇÃO PSICOMOTORA abrirá, em agosto de 95, uma nova turma do curso de formação em Psicomotricidade Relacional, com duração de três anos. Maiores esclarecimentos serão dados em aula inaugural, dia 28 de junho. Os interessados devem ligar para 227.0470 e 344.6206 (Margarida), 982.0996 e 344.1159 (Ângela) ou 227.4617 e 221.9705 (Tânia).

I FÓRUM MINEIRO DE PSICANÁLISE - Nas diferenças e singularidades, o Fórum é uma provocação para que cada psicanalista possa se perguntar de uma posição ética: o que faz quando faz psicanálise em Minas Gerais? Várias instituições de Minas têm se movimentado para a realização deste evento em abril de 1996 (Aleph, AMP, CPMG, Centro Mineiro de Toxicomania, CRP, Fump, Iepsi, Sindicato dos Psicólogos, Sobrap, Trabalho Freudiano). Informações: 275.2440.

Será realizado em São Paulo, de 29 de junho a 2 de julho de 95, o congresso sobre os DESENVOLVIMENTOS EM PSICOTERAPIA FAMILIAR. O evento reunirá profissionais de vários países e tem confirmadas as presenças de Paul Watzlawick, PhD, Lynn Hoffman, Lic. MSW, Bradford Keeney, PhD, Jeffrey K. Zeig, PhD, Peggy Papp, MSW, Joseph Lopiccio, PhD e Cloé Madanes, Lic. Maiores informações e inscrições com a Workshopy Eventos - Caixa Postal 691 - CEP 13.001-970 - Campinas / São Paulo. Tel: (0192) 31.9955 e fax (0192) 33.6515.

Com a proposta de refletir sobre a situação do portador de deficiência no século XXI, será realizado de 9 a 12 de julho de 1995, em Salvador, BA, o XVII CONGRESSO NACIONAL DAS APAEs (Associação dos Pais e Amigos do Excepcional). O evento é uma promoção da Federação Nacional das APAEs, Federação das APAEs do Estado da Bahia e APAE de Salvador. Os interessados devem se dirigir à APAE Salvador - Rua Rio Grande do Sul, 545, Pituba, em Salvador. Cep 41830141.

O PSICOCENTRO - PSICOLOGIA e PSICOPEDAGOGIA realizará, de 12 a 17 de julho, o curso intensivo abordando "O Trabalho com Crianças em Psicoterapia e Psicopedagogia: Técnicas facilitadoras e motivacionais". Destinado a profissionais e estudantes de Psicologia, Pedagogia, Fonoaudiologia, Terapia Ocupacional e áreas afins, o curso está programado para ter 40 horas/aula. Os interessados devem se dirigir à Rua Conde Linhares, 837, Cidade Jardim / Belo Horizonte - MG. CEP: 30.380-030. Tel: (031) 296.5299 e fax (031) 337.8221.

Durante o 6º Congresso Mineiro de Cardiologia, de 29 de junho a 1º de julho de 1995, em Belo Horizonte, será realizada a JORNADA DE PSICOLOGIA, que pretende marcar oficialmente o início do trabalho interdisciplinar entre médicos e psicólogos. A Jornada terá espaço para profissionais e estudantes apresentarem seus trabalhos. Tanto o Congresso quanto as jornadas interprofissionais nele programadas serão eventos anuais e itinerantes, acontecendo a cada ano em uma cidade de Minas Gerais. Inscrições e informações pelos telefones (031) 273.1257 e 273.1128.

Será realizado, no período de junho a outubro de 95, às terças-feiras, de 19:30 às 21 horas, o curso "O Profissional da Saúde, a Morte e o Hospital". Maiores informações pelos telefones 241.1568 (Eunice) e 271.5256 (Paulo).

Com o objetivo de apresentar ao terapeuta a fundamentação histórica, filosófica, teórica, conceitual e tecnológica básica da Terapia Cognitiva, será realizado, nos dias 20, 21 e 22 de junho, no Rio de Janeiro, e 23, 24 e 25 de junho, em São Paulo, o primeiro módulo do curso "Novas Propostas em Psicologia Cognitiva". O curso será ministrado pelo Dr. Arthur Freeman, professor do Núcleo do Programa de Doutorado e diretor do Programa de Treinamento em Terapia Cognitiva na Adler School of Professional Psychology. Maiores informações pelos telefones (0192) 31.9955 e telefax (0192) 33.6515.

● *Jornal do Psicólogo está reservando um espaço para você, psicólogo inscrito no CRP-04, anunciar gratuitamente oferta de consultórios, sublocação etc, exceto para divulgação de seu trabalho. Para incluir anúncio nesta coluna basta enviar um texto de duas linhas datilografadas de 72 toques ao CRP-04. Este espaço está aberto a todos os profissionais de Minas e do Espírito Santo.*

Compro crivo de correção do teste MMPI. Tratar com Silvana pelo telefone 281.4353.

Subloco consultório com sala já montada à R. Padre Marinho, 49/s. 705, no Santa Efigênia. Tratar com Patrícia ou Eneida. Fone: 241.1573.

Subloco horários em consultório de Psicologia à R. Rio Grande do Norte, 726/702, no Funcionários. Tratar com Ângela (371.22.26) ou Anete (461.6820).

Subloca-se horário em consultório de Psicologia no Centro de Belo Horizonte. Tratar com Carla - 212.3661.

Procuo sala para dividir ou sublocar. Zenaida - 462.8036.

Subloco consultório de Psicologia mobiliado, com telefone, secretária eletrônica, sala de espera, porteiro 24 horas, ótima localização - Av. Brasil, 1831, sl. 508. Tratar com Evandro. Tel: 261.58.86.

Subloco horário para psicólogo em consultório na Av. Contorno, 5823/1502, Savassi. Tratar com Miriam pelos telefones 221.7093 ou 223.6438.

Subloco sala em clínica ou para dividir com algum colega. Tratar com Denise pelo telefone 334.8702.

Subloco consultório de Psicologia à Rua da Bahia, 1345/802. Tratar com Ana Lúcia pelo telefone 225.6680.



Louco por Cinema

Musso Garcia Greco

LOUCOS DE CINEMA - Vale apontar em *Louco por Cinema* a sensibilidade do diretor André Luiz Oliveira na percepção do louco e no cuidado com que recriou o universo do hospício, sem apelar para o mero estereótipo. Uma comparação com outros filmes onde a loucura tem um papel importante, *Um Estranho no Ninho* e *Crazy People*, pode nos ajudar a situar o lugar de onde parte o discurso sobre o louco no filme em questão. Se o primeiro nos coloca de fato dentro dos muros do manicômio, o segundo faz desse lugar um arremedo deficitário do chamado "mundo normal". Podemos nos identificar com os personagens loucos de *Um Estranho no Ninho* pelo que se revela de humano neles, mas não por alguma concessão à estranheza que a loucura carrega, como em *Crazy People*, que nos oferece "loucos para inglês ver", ou seja, reduz a alteridade inteligível da loucura à familiaridade da percepção do observador não louco.

Nos três filmes, há um interno diferenciado que termina, por uma razão ou outra, reorganizando os loucos: a) contra um poder autoritário, em *Um Estranho no Ninho* - perspectiva foucaultiana da loucura; b) a favor do direito a um desejo, em *Louco por Cinema* - área de interesse da Psicanálise; c) dentro do esquema capitalista de produção, em *Crazy People* - dimensão própria da Psiquiatria Biológica que, por um deslizamento do campo da Economia, concebe o doente como um capital de energia que o tratamento pretenderia manter em bom nível de produtividade.

O enredo de *Louco por Cinema*, onde loucos de um manicômio judiciário se amotina e fazem valer seus direitos, através do sequestro da Comissão de Direitos Humanos, traz ainda uma curiosa imagem. Sendo, no caso, os sequestradores

loucos *asilados*, são eles também sequestrados - do seu direito de cidadãos - , o que, aliado à captura concreta dos "direitos humanos" e ao pedido de condições para a realização de um filme, enuncia uma fórmula que tem um interesse político bem atual com relação à discussão de uma nova legislação para os loucos: *sequestrados (do direito de expressão) pedem resgate (de cidadania)*.

A LATA PERDIDA - Na década de 80, surgia nos mares do Brasil uma nova modalidade de "acondicionamento" de maconha, a *lata*, contingência de clandestinidade que veio à tona, no mar e na mídia, e se tornou emblema e mito da pseudo-excelência da droga, ou seja, mais uma celebração de um código para iniciados do que qualquer outra coisa.

Em *Louco por Cinema*, há uma outra turma "da lata", um outro tipo de loucos, os doidões da era hippie, que marcaram uma posição de contestação à caretice e ao autoritarismo, embalada por um uso ritualizado de drogas. Essa geração, hoje na faixa de 45 anos, se apresenta no filme com nomes iniciáticos homófonos ao de drogas (Alice D., Edgar Alan Pó etc) e também tem um resgate a fazer: o resgate da lata perdida. Essa lata cumpre uma função mítica semelhante a da outra: fazer existir, ainda que imaginariamente, um tempo bem-aventurado, uma droga abençoada, um éden. O filme nunca terminado dentro de *Louco por Cinema*, que trata do Gênesis, é também o ponto em que talvez a vida de cada personagem começasse a se desenhar e, nesse sentido, metaforizaria o mito da juventude, especificamente a dos anos 60/70, como um paraíso perdido.

Essa nostalgia do "vamos fazer o caminho de volta dos nossos sonhos", que não propõe, contudo,

uma alienação ou uma melancolização, ilustra a própria condição para a criação artística, onde, para *mostrar o impossível como real* é necessário retornar um tempo perdido. Ou seja, é porque a "lata" está perdida para sempre que se pode criar, porque *a criação é sempre a designação de uma ausência*.

Na trilha de uma lata de filme que se perdeu - e que, quando aparece, já se tornou outra coisa - e de uma equipe que se desagregou - equipe que, reunida, também não faz o Um a que parecia predestinada -, vai se desenhando o caminho de volta para o personagem Lula. Pela fala da serpente bíblica, ele se liberta. Do próprio núcleo enlouquecedor, ele se resgata, refazendo em ato e arte a imagem da cobra que se devora a si mesma. Essa é a imagem do autoconhecimento, circularidade que é também base para uma passagem, o que se traduz no filme como uma cura.

O MORTO QUE NOS DIRIGE / A MORTE A QUEM NOS DIRIGIMOS - A situação peculiar do diretor Eugênio, "encarnado" em Lula, no filme, nos remete à citação de um louco famoso, Arthur Bispo do Rosário: *"cada louco é guiado por um cadáver. O louco só fica bom quando se livra desse morto"*. A imagem é clara: trata-se de um prisioneiro do nada, de um condenado, de alguém que não pode atribuir significação à sua existência. A criação delirante - termo algo redundante, porque toda criação, já que feita em torno de um vazio, pode ser considerada "delirante" - teria para o louco a função de organizar o mundo, dando-lhe um sentido, como ocorre com Lula, para quem a realização do filme funciona como uma maneira de livrar-se do seu morto e renascer como sujeito desejante.

Se ampliarmos a questão que o filme apresenta, já que somos, todos nós, loucos por cinema, poderia-

No cardápio desta edição temos "Louco por Cinema", mais um heróico longa-metragem brasileiro que chega levantando a bola do cinema nacional ao contar a estória de Lula (Nuno Leal Maia), internado em um manicômio que vê na realização de um filme a única saída para sua loucura. A obra do cineasta André Luiz Oliveira (leia entrevista na pág. 3) fez parte do programa "Cinema Comentado" do Usina Banco Nacional de Cinema, em sessão que contou com a presença de seu diretor e de vários membros do Movimento de Luta Antimanicomial. Aqui publicamos o comentário do psiquiatra, psicanalista e correspondente da Escola Brasileira de Psicanálise, Musso Garcia Greco.

mos dizer que, para além da distinção louco/não louco, todos somos dirigidos por um diretor morto. O diretor morto aqui pode se referir a nossos pais introjetados na infância, nossos fantasmas, o ideal que tínhamos ou que tinham de nós, nossos "encostos"...

De maneira mais poética, vemos essa hipótese psicanalítica sobre a criação e a morte no filme *Todas as Manhãs do Mundo*, onde a verdadeira música se revela não como aquela que se dirige ao rei - ao mercado, à mídia etc - e é aprovada por ele, mas a que consegue trazer de volta aquilo que perdemos para sempre. A verdadeira música seria aquela que acordasse o pranto das tumbas, assim como a verdadeira arte seria aquela que obrigasse o espectador a depor suas armas e testemunhar o horizonte do seu próprio desaparecimento. A função da arte estaria, como diz Lacan, em "indicar o lugar da relação do homem com sua própria morte", a de comemorar a vitória da criação sobre o absurdo da finitude. Como faz o cinema, esta louca arte de iluminar desejos.

Araguari

A equipe de Saúde Mental de Araguari comemorou o Dia Nacional de Luta Antimanicomial, 18 de Maio, com a promoção da I Semana de Saúde Mental, buscando envolver a sociedade com a questão. Entre os dias 15 e 18 de maio foram divulgadas informações a respeito da luta através da imprensa local e promovidos espetáculos musicais e oficinas de arte, além de uma mesa redonda com enfoque multidisciplinar para discutir a lei 11.802. O evento, que contou com a colaboração de um bom número de psicólogos, conseguiu alcançar seu objetivo primeiro - introduzir um assunto tão cheio de tabus e preconceitos entre os temas debatidos pela sociedade.

Araxá

A Associação dos Psicólogos de Araxá, que foi criada com o objetivo de constituir-se em um espaço de interação e intercâmbio entre os profissionais da cidade, tem se reunido uma vez por mês, sempre na primeira quarta-feira. Aqueles que desejarem propor ações que fortaleçam a Psicologia na cidade ou estiverem em busca de um espaço de interlocução com os colegas devem contactar Aparecida Cruvinel, à Rua Dr. Edmar Cunha, 219-A. Tel: (034) 661.4108.

Cachoeiro do Itapemirim

Com o objetivo de atingir uma integração maior entre os psicólogos da região e promover atividades relacionadas com a Psicologia, um grupo de profissionais da região sul do Espírito Santo acaba de retomar as suas reuniões. Maiores informações com Carmem pelo telefone (027) 522.1464 e 521.0944.

Está sendo realizado, em Cachoeiro do Itapemirim, o curso "O Corpo em Terapia". O programa consta de seis módulos, sendo cada um por mês e independente do anterior. Os próximos módulos a serem dados estão previstos para os dias 10 de junho,

8 de julho, 26 de agosto e 30 de setembro de 1995. O curso acontece de 13 às 20 horas na Escola "Pingo de Gente" e é ministrado pelas psicólogas Hebe Fraga, especializada em Psicologia Pedagógica e Psicoterapia Corporal, e Maria da Graça Lima Reis, especializada em Psicoterapia Corporal. As vagas são limitadas. Informações pelos telefones (027) 522.00.50 e 255.0642.

Governador Valadares

"Alethéia" é o nome da revista de Psicanálise lançada em Governador Valadares, no último dia 18. A revista é a única do gênero no interior de Minas e pretende constituir-se em um espaço para o intercâmbio de informações, debates e para a divulgação dos trabalhos relativos à sua área. O primeiro número traz contribuições de Célio Garcia e Sandra Kruehl, entre outros. Os interessados em participar devem enviar seus trabalhos para av. Minas Gerais, 700, sala 605, tel: (033) 271.6471, Centro, Governador Valadares. Cep 35010-151.

Juiz de Fora

Durante a "1ª Mostra Nacional de Psicologia Aplicada", promovida pelo Departamento de Psicologia da UNIVALE, nos dias 19 e 20 de maio, em Governador Valadares, foram apresentadas diversas monografias de estudantes do Brasil inteiro. Entre os oito trabalhos selecionados, está o projeto científico "Motivação, Saúde e Organizações", elaborado por Gisele Luciane Azevedo Cunha e Wander Furtado Garbero, alunos do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). O projeto contou com a supervisão de Heitor Lobo de Mendonça, Maria Aparecida Frade Pires e Mariana Caldas Camerino.

Sul de Minas

O Núcleo Sul Mineiro de Estudos e Pesquisas em Saúde Mental, em parceria com a Faculdade de Filosofia de Poços de Caldas, oferecerá três seminários no segundo semestre de 1995 - "Filosofia e Psicologia, uma parceria fundamental", dia 2 de setembro; "Os Fundamentos Filosóficos

da Psicanálise Existencial", dia 7 de outubro; "Encontros Heideggerianos com a Clínica Psicanalítica", dia 11 de novembro. Os seminários serão realizados aos sábados e terão, cada um, a duração de sete horas/aula. Maiores informações e inscrições na Rua Paraíba, 240, sala 01, em Poços de Caldas. Tel: (035) 722.34.58.

Uberaba

A Sociedade Brasileira de Psicoterapia, Dinâmica de Grupo e Psicodrama (SOBRAP) irá realizar em Uberaba, de 12 a 14 de outubro de 95, o seu IV Congresso Nacional, que abordará o tema "Na Virada do Milênio - o que se conserva, o que se transforma, o que se cria". O evento contará com a participação de renomados especialistas brasileiros no trabalho com grupos e nas áreas de Psicoterapia, Educação, Organizações e Saúde Pública. Na véspera da abertura do Congresso serão oferecidos cursos pré-congresso nas áreas mencionadas. Maiores informações pelo telefone (034) 332.55.79 ou na Secretaria do evento, à rua Major Eustáquio, 06, sala 802, Centro.

Sintonizado com todos aqueles que lutam pela humanização das relações entre a sociedade e a loucura, o Movimento de Saúde Mental de Uberaba realizou diversos eventos durante a Semana Nacional de Luta Antimanicomial, entre eles oficinas terapêuticas, mostra de equipamentos psiquiátricos (em uso e desuso), apresentação de peça teatral, coral e ballet dos usuários do Naps e uma mesa redonda que discutiu "A clínica das psicoses - a contribuição das diferentes correntes". A Semana foi encerrada com a reunião plenária do Movimento de Saúde Mental na Fundação Gregório Barenblitt, no dia 19 de maio.

O CRP-04, através do Escritório Setorial do Triângulo Mineiro, comunica aos psicólogos e seus familiares que estabeleceu uma série de convênios com advogados, médicos, dentistas, óticas, restaurantes, farmácias, livrarias e papelarias, entre outros. Os interessados em obter a lista dos convênios devem se dirigir à sede do escritório, à rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro, Uberaba. Tel: (034) 333.6522.

O CRP-04 leva ao conhecimento de seus inscritos, clínicas, empresas e profissionais autônomos prestadores de serviços de Psicologia a tabela de referência mínima com valores atualizados para o mês de abril de 1995, com o valor da UP - Unidade de Serviços de Psicologia:

UP = R\$ 0,44
(Correção feita pelo IPC-R)

Os serviços abaixo descritos passam, portanto, a ter os seguintes valores mínimos para sua prestação:

Psicologia Organizacional

• **Recrutamento** (por vaga preenchida):
Obs: cobrança percentual em relação ao salário do cargo (custo empresa).
Até 1 salário mínimo e meio: 100%
Acima de 1 salário mínimo e meio: 75%

• **Avaliação Psicológica** (por laudo):
Nível Operacional: 55 UPs = R\$ 24,20
Nível Técnico: 80 UPs = R\$ 35,20
Nível Superior: 100 UPs = R\$ 44,00

• **Treinamento** (por hora de atividade):
130 UPs = R\$ 57,20

• **Consultoria** (por hora de atividade):
200 UPs = R\$ 88,00

Psicologia Clínica

• **Atendimento Psicológico**:
Individual: 59 UPs = R\$ 25,96
Em grupo (por participante):
35 UPs = R\$ 15,40

• **Psicodiagnóstico**:
582 UPs = R\$ 256,08

• **Orientação Vocacional**:
466 UPs = R\$ 205,04

• **Atendimento Externo** (hospitalar, domiciliar e outros): 140 UPs = R\$ 61,60

Para qualquer esclarecimento, entre em contato com a Câmara de Orientação e Fiscalização do CRP-04 (COF).

Representantes e articuladores do CRP-04 em Minas Gerais e no Espírito Santo.

• Escritórios Setoriais:

Espirito Santo (EES) - Representante: Maria Tereza da Silva Cardoso - Praça Getúlio Vargas, 35 sl 820 Centro, Vitória, ES CEP 29010-350. Tel.: (027) 222-7394.

Triângulo Mineiro (ESTM) - Representante: Vicente de Paulo Marques de Almeida - Rua João Pinheiro, 546/16 - Piso B, Centro, Uberaba - CEP 38010-040 - Tel.: (034) 333-6522.

Zona da Mata (EZM) - Representante: Américo Galvão Neto. Avenida Barão do Rio Branco, 2.679/810 - Ed. Stela Central, Juiz de Fora. CEP 36010-012 - Tel.: (032) 215-6779.

• Articuladores:

Araguari: Lúcia Santos Coelho - R. Uberaba, 266, Centro. 38440000. Tel.: (034) 241-3179

Araxá: Aparecida Maria de Souza Borges Cruvinel - Rua Doutor Edmar Cunha, 219 A, Centro. CEP 38180-000. Tel.: (034) 661-4108

Cachoeiro do Itapemirim: Carmen Lúcia Rocha de Jesus Grillo - Av. Pinheiro Júnior, 23, Centro. CEP 29307-300 Espírito Santo. Tel.: (027) 521-0944 Ramal 1494

Divinópolis: Arlete Marchiori Macedo Diniz - Rua Minas Gerais, 655/214.

CEP 35500-007. Tel.: (037) 221-9398 e 221-1979.

Governador Valadares: Sandra Athayde Silva - Avenida Minas Gerais, 700/112, Centro. CEP 35010-151. Tel.: (033) 271-6471.

Ituiutaba: Sônia Divina Costa Rosado - Rua João Martin de Andrade, 363-A, Platina. CEP 38300-000. Tel.: (034) 261-3281.

Montes Claros: Ana Cristina Coulo Amorim - Avenida Santos Guimarães, 123, Sagrada Família. CEP 39401-014. Tel.: (038) 221-1586 e 221-2115.

Muriá: Margarida Maria Paulo Rodrigues - Rua Barão de Monte Alto, 125/113. CEP 36880-000. Tel.: (032) 721-0510.

Patos de Minas: Márcia Campos de Andrade - Rua José Alves Coelho, 125, Aurélio Caixeta. CEP 38700-000. Tel.: (034) 821-2040.

São João del-Rei: Maria Tereza Antunes Albergaria - Praça Guilherme Milwat, 52. CEP 36300-000. Tel.: (032) 371-2051.

Ubá: Maria de Fátima Paula de Souza - Av. Comendador Jacinto Soares de Souza Lima, 1052/201. CEP 36500-000. Tel.: (032) 371-4167.

Uberlândia: Márcia de Oliveira Prata - Av. Cesário Alvim, 14 sl 1503, Centro. CEP 38400-043. Tel.: (034) 234-8372 e 235-5258.

MARCELO KRASER



A seção "Idéias" do JP, que tem procurado abrir espaço para textos diretamente ligados aos fazeres da Psicologia, conta, neste número, com a colaboração da colega Suzana Veloso Cabral, psicóloga clínica e psicomotricista relacional. Ela traz para nós alguns esclarecimentos sobre esta linha de atendimento recente no Brasil, a Psicomotricidade Relacional.

Formação em Psicomotricidade Relacional

O Animador e o Jogo Psicomotor Simbólico

Suzana Veloso Cabral

A Psicomotricidade Relacional se define tecnicamente pela intervenção através do jogo corporal livre e espontâneo, expressão da vida fantasmática do sujeito. Ela privilegia as atividades lúdicas corporais, tônico-motoras, gestuais e mímicas, no decorrer do jogo psicomotor simbólico. Este se monta na cena escolar, visando acompanhar e promover a evolução harmônica da criança, e na clínica, no atendimento psicoterápico de diversos distúrbios.

Sua linha teórica parte de uma ruptura com a Psicomotricidade tradicional neurologicista e de uma releitura de conceitos psicanalíticos, priorizando a relação. É esta ênfase na relação que instaura a dimensão ética da Psicomotricidade Relacional.

Seu criador, o educador francês André Lapierre, fez uma grande virada em seu atendimento, depois de vasta experiência com pacientes neurologicamente perturbados e de uma intensa pesquisa sobre a relação adulto/criança na pré-escola e na creche. Ele instituiu o jogo como método de abordagem psicomotora. Na revista italiana Rizza ele diz: "Brinca-se com os objetos (bolas, bambolês, cordas, tecidos, papelão, papéis etc) sem objetivos e sem regras" (específico: sem objetivos cognitivos e sem regras do tipo jogos socializados). "As relações se estabelecem nos encontros que ocor-

rem segundo o acaso. Consciente ou inconscientemente cada um projeta aí seus fantasmas (...). É um encadeamento de situações imprevisíveis que provocam uma resposta corporal imediata".

Na relação psicomotora colocam-se face a face o sujeito, o grupo e o psicomotricista. Este é o Animador do grupo. Animar vem do latim anima. Trata-se de infundir alma, estar de corpo e alma no diálogo corporal. O Animador cria o espaço para que se monte a cena do jogo e intervém modulando e dinamizando as atividades, além de pontuar e estabelecer limites e regras do agir (atuações são cortadas). Na clínica psicoterápica também recorre a interpretações. Ele está de corpo e alma no jogo, mas tem também a postura de observador dos processos que ocorrem na cena psicomotora e, para isso, mantém certa distância, recorrendo à sua compreensão do jogo e à sua própria imagem inconsciente do corpo, para revelar em seu tônus, seu toque, seu movimento, seu colo, sua contenção física e modulação de gestos, as respostas terapêuticas às demandas surgidas no jogo simbólico psicomotor.

Segundo Nuria Franc, responsável pela Escola Internacional de Psicomotricidade Relacional, com sede em Barcelona, e formadora da primeira turma de brasileiros no Rio de Janeiro, o jogo simbólico é prioridade no atendimento escolar e clínico. "O instrumento da Psicomotricidade Relacional é o jogo

livre, espontâneo, não-dirigido e sem julgamento moral. O psicomotricista o observa e decodifica. Isto lhe permite definir, através do jogo de papéis (dramatização espontânea) e da repetição de comportamentos da criança, quais as estratégias relacionais que ela emprega para enfrentar ou desviar-se de conflitos e dificuldades".

Assim, na cena psicomotora surge, através do jogo simbólico, o discurso do grupo e dos sujeitos que fazem parte dele. Ocorre uma espécie de "Associação Livre", similar à da psicoterapia verbal. Busca-se liberar a cadeia semiótica através do jogo que recorre a elementos sobretudo icônico-indiciais, para que se possa re-mapear o mundo psíquico de cada um dos participantes, buscando a superação de conflitos normais do desenvolvimento no âmbito escolar, ou até mesmo o tratamento de distúrbios na clínica psicoterápica.

O referencial da Semiótica de Peirce nos ajuda a enfocar esta liberação da cadeia de signos. Com a fluência do discurso lúdico, inserido na relação com o outro (animador) espera-se que os signos marcados com sinais de conflito e angústia possam sofrer novas traduções. Por exemplo, uma criança regredida, ao viver um espaço fusional no colo do terapeuta e depois sendo estimulada a "crescer", explorar o ambiente e reencontrar o prazer de brincar, pode re-mapear suas estratégias relacionais e ganhar em autonomia.

A expressão icônico-indicial e

simbólica do jogo corporal permite que ocorram alguns remanejamentos inconscientes e pré-conscientes, além de levar a insights que promovem um novo discurso. A criança já usa espontaneamente esse modo de expressão. A Psicomotricidade Relacional vai permitir um processo progressivo de simbolização que promoverá sua evolução. Já o adulto vive um processo inverso de des-simbolização quando entra no jogo simbólico psicomotor. Pede-se mesmo que não verbalize durante as vivências para chegar ao nível icônico-indicial de expressão lúdica, que é seguido por uma elaboração verbal.

As vivências psicomotoras fazem parte do currículo desenvolvido em três anos no Centro de Estudos da Relação Psicomotora de Belo Horizonte, primeira escola brasileira autorizada por Lapierre em Minas. A formação, em nível de especialização, dá ênfase a este eixo de trabalho pessoal e ao teórico-prático, com vídeos de sessões em escolas e clínicas, com observações diretas e, a partir do 2º ano, com estágios supervisionados. Além disso, é desenvolvido o eixo da teoria básica da Psicomotricidade Relacional, em aulas semanais.

A utilização deste atendimento no Brasil é recente e deve ser exercida por profissionais realmente capacitados e formados para tal, engajando-se eticamente com a Psicomotricidade Relacional, podendo expor com clareza o seu trabalho na área escolar e/ou clínica.

Revisitando as Psicologia

Em "Revisitando as Psicologia - Da Epistemologia à Ética das Práticas e Discursos Psicológicos" (Editora Educ/Vozes), Luiz Cláudio Figueiredo nos apresenta uma seleção de textos que, apesar de terem sido originalmente palestras e conferências avulsas, guardam entre si uma grande afinidade. Há, de fato, um espaço comum em que todos os espaços se situam - é o espaço que se abre entre duas das linhas de pesquisa a que o autor vem se dedicando ao longo dos últimos

anos nos cursos que oferece na PUC-SP e na USP: a da Psicologia como um campo de dispersão e a da constituição das subjetividades modernas e contemporâneas. Na seleção de textos para a presente coleção optou-se por trabalhos que estavam no espaço intermediário entre as "matrizes do pensamento psicológico" e a "constituição do espaço psi", trabalhos em que o autor retoma os seus temas prediletos para lhes dar desenvolvimentos novos e originais.

JANEIRO A MARÇO / 95

RECEITAS CORRENTES

Receita de Contribuições (Anuidades P. F. e P. Jurídica)	308.126,14
Receita Patrimonial (Aplicações financeiras e cadernetas de poupança)...	9.251,96
MUTAÇÕES PATRIMONIAIS	
Aquisição de bens móveis	137,75
OUTRAS RECEITAS CORRENTES	
Mala direta, venda de livros, xerox, outras receitas	8.995,03
TOTAL ...	326.510,88

DESPESAS CORRENTES

Despesas c/ pessoal, INSS, FGTS, material de consumo, serviços terceiros	61.332,81
DESPESAS DE CUSTEIO	
Cota parte do CFP - Contrib. fundo revista, PASEP	4.517,76
DESPESAS DE CAPITAL	
Investimento	137,75
RESULTADO PATRIMONIAL	
Superávit do exercício	260.522,56
TOTAL ...	326.510,88

Fóruns traçam a rota das mudanças

O Congresso Nacional Constituinte da Psicologia - realizado em Campos do Jordão no período de 25 a 28 de agosto de 94, quando foram discutidas amplamente as questões e consequentes soluções para os problemas da Psicologia - decidiu encaminhar para os Conselhos Regionais a tarefa de promover e coordenar um processo amplo de debates na busca de uma nova proposta para a Lei da profissão, atualizando, portanto, a lei 4.119/62, bem como uma proposta de sistematização da lei 5.766/71, além dos fóruns de Formação e Ética.

Dando prosseguimento às decisões do CNP, o Fórum de Entidades realizou a segunda reunião em Porto Alegre no dia 17 de março último, onde ficaram definidas as secretarias executivas de cada evento. Assim, a secretaria do Fórum de Discussões da Lei 4.119 está a cargo do CRP-05 (RJ), que deverá enviar para

todas as entidades o resultado da sistematização do material recebido até o dia 25 de maio. No dia 15 de junho cada entidade deverá eleger os representantes junto ao fórum nacional, que tem data prevista para agosto de 96.

A secretaria do Fórum que discutirá a Lei 5.766 está sob a responsabilidade do CRP-06, que receberá as contribuições das entidades até o dia 15 de junho. Já o o Fórum de Formação será organizado pelo CFP e o Fórum de Ética terá a contribuição de todos os Regionais na sistematização dos trabalhos. As secretarias executivas conclamam todas as entidades a popularizarem as peças produzidas, promovendo amplos debates para viabilizar as mudanças no nível que os psicólogos desejam e resolverem buscar, a partir do Congresso Nacional Constituinte da Psicologia.

Se você desenvolve ou já desenvolveu algum trabalho em hospital, entre em contato com o CRP-04. O Conselho, juntamente com psicólogos da área, está levantando o histórico da PSICOLOGIA HOSPITALAR em MG e sua participação é importante para que este trabalho seja levado ao III Congresso Brasileiro de Psicologia Hospitalar. ♦ Envie seus dados para o CRP-04, para que possamos contactá-lo. O endereço é Rua Tomé de Sousa, 860 - 10o. andar. Bairro Funcionários, Belo Horizonte. Cep 30140-131 A/C Elvira Lídia Pessoa de Oliveira. ■ O GREP - Grupo de Estudos Psicanalíticos - está oferecendo atendimento psicoterápico por valores acessíveis a pessoas sem CONDIÇÕES de realizar esta demanda. Os interessados devem se dirigir à Rua Goitacases, 43, sala 705. Tel: 273.1227. ■ O JP parabeniza Afonso Borges pelos 10 anos de realização ininterrupta do projeto "SEMPRE UM PAPO", que vem contribuindo para mudar a face de Belo Horizonte, inserindo a cidade no circuito do lançamento de livros e tornando-a parada obrigatória de vários autores. ♦ Foram muitos os CONVIDADOS, entre eles Hélio Pellegrino, Washington Olivetto, Jô Soares, Frei Betto, Gilberto Dimenstein, Mário Vargas Llosa, Darcy Ribeiro, Arnando Jabor, e sem dúvida o projeto tem fôlego para trazer outros tantos. ♦ Vida longa ao "Sempre um Papo"! ■ "Quem é a ELITE CIENTÍFICA brasileira?" Os interessados em conhecer a resposta podem recorrer ao caderno "Mais!" do jornal Folha de São Paulo, que em sua edição de 21 de maio publicou os nomes dos 170 cientistas com trabalhos de maior impacto no exterior. ♦ Naturalmente este "mapa de excelência" deverá levantar muita POLÊMICA, mas constitui uma referência a ser consultada. ■ Belo Horizonte mostrou sua face NEGRA no último dia 13 de maio, na abertura das comemorações do tricentenário de Zumbi dos Palmares, com a "LEVADA DO AFOXÉ", uma caminhada da Praça da Estação à Praça da Liberdade regada a muito batuque. ♦ A caminhada uniu diversos grupos negros da cidade e foi o ponto de partida de ações e eventos em torno da cultura negra, como a realização do "FESTIVAL INTERNACIONAL de Arte e Cultura Negra", em novembro de 95, pela Secretaria Municipal de Cultura. ■ A partir do dia 5 de junho já estarão abertas as inscrições para as oficinas do maior festival cultural da América Latina - o FESTIVAL DE INVERNO da UFMG, que já se encontra em sua 27ª edição. ♦ O evento, que vem resistindo a inúmeras dificuldades ao longo dos anos, será realizado mais uma vez em OURO PRETO e manterá a sua característica múltipla e de busca de linguagens artísticas contemporâneas. ■ O Instituto de Psicologia da USP acaba de lançar o seu CATALOGO de pesquisas referente ao ano de 1993, com as linhas de pesquisa individuais dos docentes daquela unidade da USP. ♦ A publicação, que deverá servir de guia para a comunidade acadêmica em geral e para os órgãos de fomento à pesquisa, pode ser consultada na Assessoria de Imprensa do CRP-04, à Rua Tomé de Sousa, 860, 10º andar, em Belo Horizonte.

DISQ FREUD

BH (031) 330.5500 Bip JLM

RJ (021) 533.3083

- OBRAS COMPLETAS
- NOVA EDIÇÃO
- GARANTIA
- SUPER PROMOÇÃO

• Português 24 vols.

Editora Imago - 40% desconto

• Castelhana 25 vols.

Editora Amorrortu

• Espanhol 3 vols.

Editora Nueva - 30% desconto

• Traduções do alemão

30% de Desconto

Atendemos todo o Brasil • Entregamos a domicílio • CGC: 72.082.308/0001-34
Av. Rio Branco, 185/1411 - Cep 20045-900 Rio de Janeiro RJ

Jornal do Psicólogo

Publicação do Conselho Regional de Psicologia 4ª Região (MG/ES) - CRP-04
Rua Tomé de Souza, 860/10º andar - Savassi - CEP 30140-131 - Belo Horizonte-MG.
Tel.: (031) 261-1146 - Telex: (031) 392882 - Fax: (031) 261-6143

Diretoria: Edith Lins Eto, presidente; Mariana de Campos Mendonça, vice-presidente;
Elvira Lídia Pessoa de Oliveira, secretária; Zulma Canuto, tesoureira.

7º Plenário: Conselheiros: Carus Trindade Guimarães; Cristina Ribeiro de Figueiredo Teixeira; Edith Lins Eto; Elvira Lídia Pessoa de Oliveira; Manoel Mata Machado; Márcia de Oliveira Prata; Maria Carmen Lopes Albricker Barbosa; Mariana de Campos Mendonça; Raymonde Jouanneau Saraiva; Regina de Mont'Alverne Neto; Ronaldo Pazini Marangoni Júnior; Simone Maria Machado da Silveira; Sônia Maria de Brito Marques Porto; Susana Caçado Teatini; Vicente

Almeida; Zulma Canuto. Conselheiros Federais: Ricardo Figueiredo Moretzsohn e Vera Lúcia Dias; Gerson Alves Vieira (suplente)

Coordenadoria Técnica: Heloísa Amaral;
Assessoria Jurídica: Rodrigo da Cunha Pereira

Editado pela Assessoria de Comunicação Social do CRP-04

Jornalista responsável: Luciana Tonelli (MTB 4685/MG)

Programação visual: Marcelo Xavier

Ilustrações e fotografias: Marcelo Kraiser e Marcelo Xavier

Edição gráfica: Cláudia Barcellos

Impressão: Editora Litero Maciel

Tiragem: 11 mil exemplares

As matérias assinadas são de exclusiva responsabilidade de seus autores. O Jornal do Psicólogo as publica por acreditar na diversidade das idéias.

Luta Antimanicomial

ASSUSAM: o doente mental no exercício da cidadania

Derrubando o mito que preconiza a inaptidão do doente mental para o exercício da cidadania, surgiram, no bojo da luta antimanicomial, entidades de usuários como a ASSUSAM - Associação dos Usuários dos Serviços de Saúde Mental - fundada em 1994, em Belo Horizonte. Segundo o seu presidente, Geraldo Francisco da Silva, "nós, que estávamos no Centro de Convivência do Hospital Raul Soares, tínhamos uma vaga idéia de que deveríamos nos organizar. A gente via todo mundo na sociedade civil brasileira se organizando. Em 93, durante o "1º Encontro Nacional de Luta Antimanicomial, na Bahia, vimos associações fundadas em outros Estados, e voltamos "cheios" dessa idéia".

De acordo com Geraldo, daí em diante esse grupo de usuários passou a participar das reuniões do movimento e a idéia de fundar uma entidade foi tomando corpo. A Assusam foi criada no dia 10 de abril de 94. A eleição para a sua diretoria foi no dia 10 de maio. Geraldo foi eleito presidente com uma chapa de consenso na eleição em que votaram 143 pessoas. Foram 120 votos a favor e 23 contra.

Hoje já existe a "Carta dos Usuários", feita em Santos. O documento, de acordo com Geraldo, "garante os direitos dos usuários, que é uma das coisas mais violadas nesse sistema de serviços de saúde mental. Então os nossos direitos, o nosso espaço, os nossos anseios, queremos que a sociedade ouça, para que possamos estar realmente integrados na sociedade sem discriminação".

Quanto à lei de extinção dos manicômios, a ASSUSAM participou ativamente de todo o seu processo de tramitação. Ele ressalta que a sociedade em geral foi chamada para opinar, "inclusive os donos de hospitais, que não compareceram. Eles não participaram, e deveriam ter participado. Precisamos de todos os segmentos nessa discussão".

A ASSUSAM, no momento, está batalhando por um registro junto ao Ministério Público, para poder angariar verbas públicas. Hoje a entidade está funcionando no Centro de Referência Arthur Bispo, do Hospital Raul Soares, mas provisoriamente. De acordo com seu presidente, a Associação precisa de uma sede para funcionar, além de todo o material de escritório, e está aceitando doações.

Geraldo lembra também que a associação congrega não só usuários, mas também seus parentes e amigos, e "todos os que tiverem afinidade com o ideal de resgate da cidadania do doente mental é bem vindo".



HOSPITAL-DIA do Instituto Raul Soares completa 10 anos

Uma das principais alternativas ao manicômio propostas pela "Lei Carlão" acaba de completar uma década de existência em Belo Horizonte - trata-se do hospital-dia ligado ao Instituto Raul Soares, que vem, durante os últimos 10 anos, suprimindo a demanda que surgiu com as conquistas da Luta Antimanicomial.

De acordo com a enfermeira Juliana Meirelles Motta, coordenadora do serviço, ele é fruto de uma discussão que teve início na época do Conarp, programa de diretrizes básicas do governo que propunha mudanças no atendimento à saúde mental - "uma das estratégias de trabalho propostas era a do hospital-dia", explica. "No Raul Soares, a discussão foi levantada por um grupo de residentes. Alguns foram a Ribeirão Preto conhecer o trabalho de lá, e ao mesmo tempo abriu-se em Belo Horizonte o Centro Psicoterapêutico, hospital-dia dentro do modelo de comunidade terapêutica. Foi, então, surgindo um grupo de discussão sobre a possível implantação de um hospital-dia no Raul Soares".

Primeiro serviço público deste tipo em Minas Gerais, o hospital-dia do Raul Soares começou a funcionar no velório do instituto, que foi desativado. "Abrimos o serviço de uma maneira muito interessante porque não sabíamos como se fazia um hospital-dia, tínhamos um modelo, mas na prática você se depara com algo que terá que ser construído", relata Juliana. Ela ressalta o caráter de "construção" do serviço, pois "só tínhamos algumas referências, assim mesmo dentro da lógica manicomial. Não sabíamos o que era abrir um serviço no qual o paciente vai e volta todo dia, e se trata porque quer".

Hoje o hospital-dia, na opinião de Juliana, é um importante contraponto ao manicômio. "Acho que é a grande proposta para sustentar a lei de extinção dos manicômios, juntamente com os outros dispositivos que ela propõe", aponta. A coordenadora do hospital-dia entende que ele é o serviço básico de atendimento dentro do novo referencial para tratamento do doente mental porque "ele é realmente o que acolhe os pacientes e trata durante a crise, pois tem o leito-crise", explicita.

Hospital-dia-a-dia

O trabalho na unidade do Raul Soares, que teve início dentro dos moldes da comunidade terapêutica americana, evoluiu muito nestes 10 anos de existência. No começo, os pacientes eram atendidos por pessoas de fora da unidade. Hoje ela conta com todos os profissionais de saúde mental e funciona 10 horas por dia, de 8 às 18 horas, com duas equipes de trabalho

que se revezam.

Segundo Juliana, o trabalho no hospital-dia está amarrado por quatro eixos - atendimento individual, atividades cotidianas, trabalho clínico e questão da cidadania. No que diz respeito ao primeiro eixo, todos os pacientes recebem atendimento individual e suas famílias também são atendidas. Quanto ao trabalho clínico, todos os membros da equipe estão em análise e supervisão ou participam de alguma atividade clínica fora do hospital. Já as atividades cotidianas são os grupos de trabalho, as discussões técnicas e as oficinas terapêuticas, que de acordo com Juliana "são espaços fundamentais de linguagem que o paciente ocupa".

A questão da cidadania do paciente, seus direitos e deveres, está todo o tempo amarrada com o atendimento clínico. De acordo com a coordenadora do serviço, "achamos que o que faz parte da cultura é uma "pega" que precisa ser trabalhada. Assim, a gente tem proposto aos pacientes que participem da vida cultural da cidade, conheçam e ocupem seus espaços, os serviços a que têm direito e ao mesmo tempo o que é estar usando estes serviços e estar em controle psiquiátrico".

Quanto à demanda que chega ao hospital-dia, Juliana afirma que hoje são atendidos diariamente uma média de 60 pacientes, e passam pela unidade durante a semana outros 90, aproximadamente. Ela destaca que "a maioria dos casos peregrinavam pelos hospitais psiquiátricos e hoje internam pouquíssimo. Alguns pacientes nossos nunca mais foram internados". Outra mudança apontada pela enfermeira diz respeito à postura da família, que já começa a perceber que pode prescindir da internação.

Os próximos passos para o desenvolvimento do trabalho na unidade, segundo sua coordenadora, é a criação do "hospital-noite" e de "leitos-crise" para os casos em que o paciente precisar passar a noite ou estiver atravessando uma crise. Hoje os pacientes do hospital-dia que estão nessa situação são internados no Raul Soares. De acordo com Juliana, o problema da internação é que o paciente entra dentro de toda a estrutura manicomial, e o momento é justamente de desconstrução dessa estrutura.

A direção do hospital-dia do Instituto Raul Soares pretende comemorar sua primeira década de trabalho com a realização de uma mesa redonda, lançamento de fascículos das equipes e exposição de trabalho dos pacientes, no final de julho.

O preço da finitude

Aos colegas do Conselho Regional de Psicologia que me possibilitaram, generosamente e por tanto tempo, o espaço da palavra partilhada.

Toda vivência humana - mesmo a mais misteriosa ou obscura, inefável ou absurda - parece demandar a sua transposição ao domínio da narração, parece atravessada pelo desejo da palavra partilhada. Narrar o vivido não implica em esgotar a sua significação ou buscar uma compreensão perfeita e pacificadora das incertezas e inquietações que nos habitam, mas propicia a sua incorporação ao universo espiritual do homem. Raphael Célis, num belo artigo sobre "Tempo do mito e tempo da história", assinala que, ao recusarmos a brutalidade do "é assim" e, ao comunicarmos-nos com o outro pelo encadeamento narrativo, nós estamos nos interrogando: é este o destino do homem? O horizonte descoberto é suscetível de ser partilhado? Pois, a narração resgata as coisas e os acontecimentos de seu isolamento e opacidade ao introduzi-los no circuito metonímico da temporalidade e da comunicação.

E foi assim, no despojar grego de nossa civilização que Hesíodo - o poeta-camponês da época arcaica, autor de "Os trabalhos e os dias" - enfrentou a tirania reinante e as penas do cotidiano, exaltando a justiça e o respeito à ordem divina do mundo contra o excesso da ambição e o orgulho das paixões. O poema hesiódico, voz que emerge de um mundo que nos é quase desconhecido, atesta, em sua singeleza, não apenas a dor de viver, mas também a coragem de nomeá-la e revesti-la de sentido humano, ainda que a busca de sentido não nos poupe de nossos pesares e desconsolos. E não é difícil perceber que esse é o motivo fontal e permanente que alimenta a perquirição humana, enquanto o homem não deixar de ser um animal mitopoiético e não conseguir sufocar a sua vocação metafísica. É nesse chão, no chão concreto da existência que a filosofia lança as suas raízes, pois a razão apenas emerge quando o mito torna-se incapaz de assegurar a unidade das comunidades que, no dinamismo de uma complexificação crescente, implodem no perigoso entrelaço dos interesses e das opiniões. O discurso argumentativo vem, então, curar as feridas abertas pelo conflito, isto é, transformá-lo numa discussão regrada em que o arbítrio dos contendores seja submetido às normas e pressupostos da interlocução.

Na impossibilidade de retornar ao abrigo da tradição, a razão nascente teve que enfrentar um formidável desafio: não mais havendo a autoridade do mito, a de uma palavra legitimada pela exterioridade de sua origem sagrada, qual seria a autoridade da argumentação? Se o discurso racional pressupõe a competência dos interlocutores, se implica na autoafirmação dos sujeitos em cada um dos seus atos de fala, como poderia ultrapassar a fragmentação dos indivíduos, mediatizar o seu confronto e disciplinar o jogo bruto do poder? Haveria uma simples identidade entre o indivíduo empírico, com suas paixões e necessidades, e o sujeito do discurso, com suas pretensões de comunicação e consenso?

A resposta sofisticada não se fez esperar. Para os sofistas o discurso dito racional é um instrumento de poder no contexto de uma sociedade democrática, pois visa à obtenção de hegemonia pela persuasão retórica e não pelo uso da violência. O consenso alcançado é sempre frágil e pode romper-se a qualquer momento, porque não tem outra garantia além da disposição dos homens de salvaguardar os seus interesses através da negociação política, uma disposição sempre ameaçada pela hybris, pelo excesso, pela desmesura do desejo. Porém, além disso, se o homem só pode contar, como ensinou Protágoras, com a contingência de suas próprias forças, pois ele é "a medida de todas as coisas", a razão não seria mais do que uma ferramenta política e seria, ao contrário do mito, incapaz de decantar o desespero e cultivar no próprio homem o remédio de seu desamparo. Por isso, Sócrates se contrapôs aos sofistas, mas não pleiteando a abdicação do discurso e o retorno

ao passado mítico, e sim apostando em sua radicalização, pois o sujeito comprometido no diálogo, ao levar até o fim a exigência da argumentação, seria obrigado a revisar as suas idéias, retificar a sua posição subjetiva e superar o enclausuramento do individualismo. A razão socrática revela-se como interiorização e cuidado da alma, como processo de auto-conhecimento, mas de um conhecimento de si mesmo (autos) que não se confunde com o enclausuramento, porque encaminha o sujeito ao engajamento moral e à descoberta de uma inteligibilidade que o ultrapassa, embora não lhe seja estranha, pois habita o mais recôndito de sua inteligência e de seu coração.

A trilha aberta pela investigação socrática foi transformada por Platão em via anagógica, em caminho ascensional do homem em direção à contemplação do bem transcendente. Ao inscrever no registro da racionalidade a experiência religiosa da transfiguração do homem por sua "divinização" (enthousiasmós), Platão responderia de modo cabal ao repto sofístico: o homem não é o "métron", a medida das coisas, mas a divindade é a medida de tudo, inclusive do próprio homem. A solução platônica poderia ser resumida numa fórmula: "o segredo da antropologia é a teologia", porque se o homem é um enigma, o seu deciframento escapa inteiramente à auto-suficiência de sua vontade e de seu conhecimento. Assim, se algum sol resplandece na inteligência humana, não é dela mesma que a luminosidade provém e, portanto, ao contrário do que nos faz crer o amplamente disseminado anti-platonismo contemporâneo, não há nesta concepção nada que nos recorde a arrogância de um humanismo triunfante. Sobretudo, se a compararmos com a proposição de Feuerbach, que pode ser tomada como o antípoda moderno da formulação platônica: "o segredo da teologia é a antropologia". Pois o que se promete nesta frase lapidar é que nada poderá obstar o avanço da compreensão e da ação dos homens e todas as dificuldades relevantes serão, a seu tempo, equacionadas. Nessa perspectiva, o mundo que deixou para trás as ilusões do mito e da metafísica esqueceu também aquilo que poderia ser denominado, segundo uma expressão heideggeriana, como "diferença teológica", ou seja, que a "divinização" não depende do propósito e do esforço humanos. Um esquecimento que mergulhou nossa civilização no desvario do "homo homini deus" - do "homem como deus para o homem" - empenhando-se no projeto suicida de criar aquele ser híbrido que Freud denominou "um deus de prótese". Ora, para que se possa prosseguir nessa direção, para que se possa avançar no caminho do humanismo moderno, é preciso que os enigmas sejam recalçados, os padecimentos mascarados, as perplexidades silenciadas. Antes deve-se exaltar - como o capitalismo neo-liberal não cansa de reiterar - a eficiência e o desempenho, as virtudes pragmáticas e o senso de oportunidade, o bem-estar e a felicidade que encontram-se ao alcance da mão.

Num livro recente, e muito oportuno - "Elogio da Consciência" - Paul Valadier adverte contra os ardís de nossa época, descrita por Lipovetsky como a sociedade do "pós-dever", onde reinam a moralidade "cool" e a felicidade "light". Para Valadier, é essa cegueira da "boa consciência", que recusa em crer na realidade do mal e se compraz num otimismo de superfície, que nos desarma e nos anestesia diante de tantos horrores e injustiças. É este o verdadeiro racionalismo perverso, o que teima em rejeitar, a qualquer custo, o preço da finitude. Foi ele que Nietzsche reprovou por ter esquecido o corpo e seus males e foi por causa dele que insistiu em proclamar a animalidade do homem, não para fruir o escândalo de um biologismo simplório, mas porque é na lembrança da miséria humana e é sob o signo do gozo e do sofrimento do corpo, que sustentamos a nossa consciência moral e o nosso sentimento de compaixão.



Carlos Roberto Drawin

Psicólogo e professor de Filosofia da UFMG



CONSELHO
REGIONAL DE
PSICOLOGIA
CRP - 04



G E S T Ã O
P S I C O D I V E R S I D A D E

E S C U T A

SUPLEMENTO DO JORNAL DO PSICÓLOGO



BELO HORIZONTE, ANO 12 • Nº 50
A B R I L / M A I O 1 9 9 5

50

"Hoje o Jornal do Psicólogo completa o seu número Bodas de Ouro: parabéns. A história do jornal coloca em evidência os ganhos obtidos tanto no seu conteúdo quanto na sua forma. Ele vem ficando melhor e mais bonito. Trata-se de um dos raros veículos de contato entre os psicólogos e que traz informações e debates teóricos extremamente oportunos. Gosto muito dele e sei o quanto do suor de nossos colegas encontra-se neste trabalho. Mas acredito que não basta recebê-lo, pois ele também depende da nossa contribuição, através de críticas, sugestões e matérias para que possa atingir cada vez mais os seus objetivos."

Maria Cristina Fellet Guimarães

Psicóloga e pedagoga, professora do Departamento de Psicologia da Fafich/UFMG

"O Jornal do Psicólogo é uma publicação democrática e atraente. Características importantes para um jornal de uma categoria profissional que tem o compromisso com a liberdade. Na forma e no conteúdo, o JP traz o respeito às diferenças teóricas, o incentivo à reflexão e demonstra preocupação constante com a técnica e ética profissional. Abre ao público a nossa face, a ligação com os problemas do nosso tempo. Tudo isso sem perder o charme de cativar pela emoção e pela razão. Para mim é uma leitura importante."

Gisele Onete Marani Bahia

Psicóloga especializada em Saúde Mental/Saúde Pública. Representante em MG do Capítulo Brasileiro da World Association for Psychosocial Rehabilitation e ex-coordenadora de Saúde Mental da Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais

"Interessante pensar meu encontro com o jornal do Conselho Regional de Psicologia. Por estar engajada a uma prática extra-consultório e me deparar com questões que remetem inapelavelmente à busca de interlocução, tem sido este encontro marcado por indagações compartilhadas. Debates inteligentes que se contraponham ao pragmatismo dos tempos difíceis em que vivemos se tornam atraentes e vitais. Nestes debates, a Psicologia, e no caso da sustentação teórica da minha prática, a Psicanálise, pode contribuir para a produção do homem despertado para a crítica e a mudança. E penso ser esta a aposta com que nos deparamos no espaço "Jornal do Psicólogo".

Marisa Decat de Moura

Psicóloga e psicanalista, coordenadora da Clínica de Psicologia e Psicanálise do Hospital Mater Dei

"O Jornal do Psicólogo chega ao seu 50º número marcando a insistência em presentificar o movimento da diversidade da Psicologia em Minas Gerais e no Espírito Santo, através do registro escrito. Registro que, incapaz de dizer tudo, marca uma inscrição de falta capaz de movimentar o novo e deixar brechas para a invenção. O Jornal do Psicólogo tem sua importância, nesse testemunho escrito da circulação das informações, das questões, das diferenças e singularidades dos psicólogos do CRP-04. Parabéns ao Jornal do Psicólogo pelo reconhecimento da diversidade. Parabéns pela insistência em não desistir diante das impossibilidades."

Thereza Christina G. Bruzzi Curi

Psicóloga, psicanalista, presidente do IEPSI e coordenadora-geral do I Fórum Mineiro de Psicanálise

"Qualquer profissão vem contribuir para ocupar um certo espaço na sociedade em busca dos direitos da cidadania. O saber que a profissão produz teria que estar diretamente ligado a isso. Eu vejo o nosso jornal como um veículo da palavra - a palavra entendida como logos - significado e razão - que vai resultar na produção de um saber que a profissão almeja. O seu segundo objetivo seria quanto à questão da publicização: publicidade de decisões inerentes a esse profissional; o jornal é um veículo dessa transparência (publicização). Em terceiro, ele representa socialmente alguma coisa ligada à nomia - nomos = lei. Nomia significa distribuição, leis distribuídas socialmente e igualmente. As profissões têm que dar algum sentido de nomia para a sociedade. Uma sociedade anômica é levada à auto-destruição. A grande contribuição de uma categoria profissional é passar para a sociedade o sentido da lei. A palavra, a publicização e a lei são os pilares de uma sociedade livre e democrática e toda profissão deve contribuir para que uma sociedade livre permaneça."

William César Castilho Pereira

Psicólogo clínico e analista institucional. Professor adjunto III da PUC-MG e doutorando do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ

50 números. 50 tentativas. gens. Idéias em movimento, risco, às vezes um salto. tudo do novo, de novo. possibilidades. 50 vezes a busca de adequada, calculada em manuais, espaços para o diálogo, que seja a linguagem



e da sociedade em que vivemos. 10 atingida, mas acreditamos que vale o esforço, e para isso esperamos contar com todos os que recebem o JP. Ele é um campo minado por publicações hipóteses, não dizem nada - o das ins

centenas de textos, centenas de ima-
s. Em cada tentativa, um passo, um
um recuo. Em cada edição, começar
urando zerar e multiplicar, assim, as
na linguagem que não seja apenas
s que se faça presente, que abra
agem corrente nas veias da Psicologia



linguagem nunca será plenamente
pena tentar. Continuaremos em seu
cada vez mais, com a contribuição de
paço de comunicação conquistado em
que, muitas vezes, na melhor das
tituições públicas.

"É com grande alegria que vejo o Jornal do Psicólogo chegar à sua 50ª edição com um formato informativo, atualizado e instigante. Para mim, é especialmente importante a atuação do JP na divulgação dos conhecimentos produzidos pela pesquisa universitária entre nós, tornando-se assim um verdadeiro canal de intercâmbio das idéias e propostas. Tenho observado que esta iniciativa tem contribuído não só para colocar à disposição da comunidade dos psicólogos os resultados de nosso trabalho, quanto para nos tornar mais objetivos e claros nesta tarefa. Enfim, creio que a trajetória do JP tem evidenciado um significativo amadurecimento da Psicologia entre nós, promovendo com competência a ampliação e o aprofundamento da reflexão em torno deste objeto que tanto nos fascina: o humano."

Regina Helena de Freitas Campos

Coordenadora do Mestrado em Psicologia da UFMG

"O Jornal do Psicólogo cumpre uma função de transmissão. Uma correspondência que provoca, marcando a historicidade que atravessa o campo da Psicologia, oferecendo discussões filosóficas e políticas, entreabrindo possibilidades teóricas e práticas, imprimindo em suas páginas um bom combate de idéias, plural e democrático. O Jornal do Psicólogo tornou-se uma escritura marcada por acontecimentos, registrando os movimentos na construção da experiência que circunscreve o campo da Psicologia. As palavras vão sempre muito longe..."

Fernanda Otoni de Barros

Psicóloga e psicanalista, trabalha como psicóloga judicial no Tribunal de Justiça de Minas Gerais.

"O jornal tem cumprido muito bem sua função, promovendo o debate em torno das questões mais candentes da Psicologia, que desfilam em textos nas suas páginas. Informa sobre novidades em relação à profissão e, enfim, é extremamente útil a todos. Demonstrando versatilidade de conteúdo, o jornal se firmou como uma referência necessária. O Sindicato dos Psicólogos se solidariza com o CRP na sua iniciativa de editar e na persistência em manter um periódico. Hoje, já é difícil pensar a categoria na 4ª Região sem um jornal como este. É com iniciativas como esta que a profissão de psicólogo conquistará cada vez mais o reconhecimento da sociedade e que nós demonstraremos a relevância que tem a categoria, num lugar, conflituoso como o meio social no qual vivemos atalmente."

Túlio Batista Franco

Coordenador-Geral do Sindicato dos Psicólogos de MG - Psind

"Quando iniciei minha atividade profissional fui levado a exercer as mais variadas atividades, todas relacionadas com a minha formação, porém, não havia um lugar predestinado para a "figura" entre as profissões no mercado. Tirei lição do incidente, da particularidade da demanda que me era endereçada, para bem cedo me colocar um certo número de questões. Trabalhando na área, não é surpreendente que viesse a me colocar questões sobre a identidade ao nível de minha categoria profissional, do meu grupo, dos meus companheiros. O corporativismo baseado na identidade profissional me pareceu desde sempre fonte e origem de privilégios. Hoje penso que o predicado "ser psicólogo" não pode ser atribuído por uma Escola profissional, por uma Universidade, por um Curso, mesmo que aprovados pelo Ministério da Educação. Psicólogo a gente o é em meio a grandes dificuldades, precisamente quando desistimos de uma identidade garantidora de benefícios, de benesses, e privilégios (o termo quer dizer "lei privada") de qualquer tipo. Agora que a Saúde Pública tornou-se um problema moral e agudo para a Administração, somos convocados, eventualmente enquadrados em padrões exigidos pela organização da produção. Por seu lado, os médicos, assediados, resistem mal às investidas do Estado e da Administração; é possível que os psicólogos juntamente com os médicos e demais trabalhadores na área de saúde tenham condições de levar adiante esta reflexão (como exemplo, poderíamos citar o programa de luta anti-manicomial, entendo). Há um **distância enorme** entre a representação que se fazem o Estado e a Administração com relação à figura do psicólogo e o que é esperado de nós em nosso trabalho na clínica ou no atendimento de outro tipo de demanda. Caberia ao Sindicato dos Psicólogos, ao CRP, ao JORNAL DO PSICÓLOGO suscitar através da mídia especializada uma campanha, produção de documentação, patrocínio de textos sobre a questão. As queixas são frequentes; para quem escuta os colegas em supervisão, há uma farta documentação. Os mais jovens sofrem tudo em silêncio, pois temem perder o único emprego que lhes foi oferecido ou que eles conquistaram. Ora, o Sindicato, o CRP, assim como outras organizações da categoria parecem reduzir tudo a questões de grupos, de querelas entre capelas, de cisões de inveja, problemas internos todos eles finalmente. Uma aparente mobilização política, por vezes escassamente respondida, preenche o vazio de nossa prática política. Finalmente, a exigência intelectual aqui proposta, chamemo-la formação, preparo ou que termo preferirem, se atreve a pensar os efeitos avassaladores do discurso universalizante da ciência tanto no nível do Estado e/ou Administração quanto no nível das respostas por parte de profissionais liberais; se atreve a pensar os efeitos de uma identidade profissional sem garantias corporativistas, se atreve a pensar os objetivos declarados ou não por parte do pessoal "psi" e de sua mídia especializada."

Célio Garcia

Psicólogo e psicanalista

O Gatão de Meia Idade

Andréa Rocha

Jornal do Psicólogo - Este cinquentão com jeito de moderno, porte arrojado, roupas coloridas e bom de papo quase não lembra mais aquele coroa meio sisudo que nos áureos tempos de sua mocidade só trajava cinza e preto e só tinha um assunto: Conselho Regional de Psicologia, Conselho Regional de Psicologia, Conselho Regional de Psicologia...

Mas esse não era o único disco quebrado de sua geração. Naquela época, lá pelos idos dos anos 70/80, os house organs (publicações de entidades ou empresas) eram feitos, em sua maioria, num formato mais sério, preferencialmente institucional. Ao priorizar assuntos de interesse da instituição, reforçava aquele antigo modelo de comunicação tão sutilmente imposto pela ditadura de tempos não tão longínquos assim: sempre de cima para baixo.

Embora aquele formato pouco atraente e a linguagem claramente institucional desagradassem alguns de seus leitores, somente a existência do Jornal do Psicólogo já era um mérito. Sejamos justos. O CRP-04 já percebia a necessidade de se comunicar com os profissionais inscritos e aquele era o modelo de comunicação institucional vigente.

Mas o JP foi se modernizando e valorizando a interlocução com o leitor. Já no 5º Plenário apresentava um projeto gráfico mais arrojado. Idealizado por Marcelo Xavier e Mário Vale, o jornal ganhava mais leveza com vinhetas descaradamente inspiradas nos testes Rorschach.

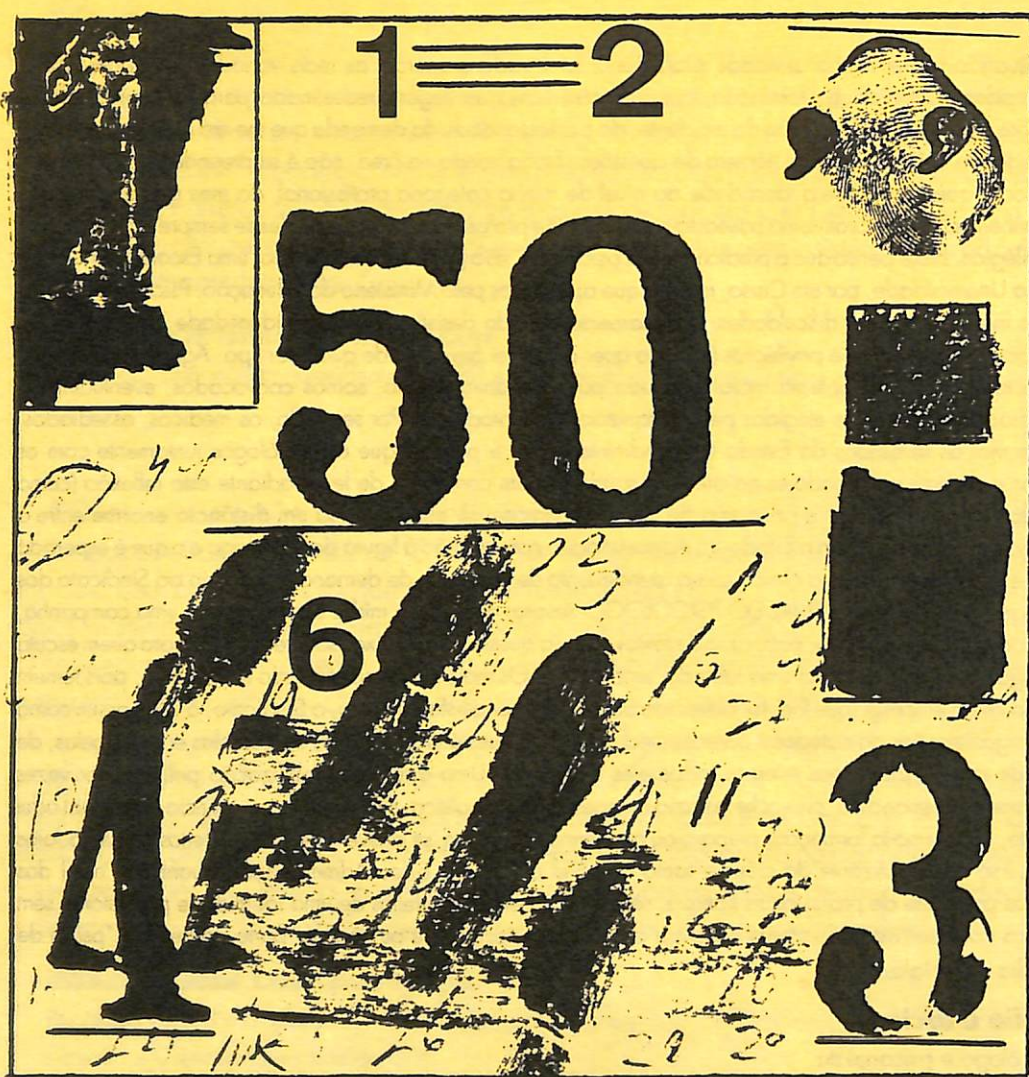
As maiores mudanças gráficas e editoriais chegaram mesmo com a gestão Psicodiversidade. Apostando no novo, não só acompanhou como também ajudou a produzir novos recursos de comunicação e linguagem institucionais. Aqui vale ressaltar a ousadia da diretoria do 7º Plenário e o empenho do presidente da Câmara de Comunicação Social do CRP-04, Ricardo Figueiredo Moretzsohn, em tornar o novo projeto do Jornal do Psicólogo nessa bem sucedida realidade.

Pode-se dizer que "o pulo do gatão de meia idade" foi enxergar o óbvio, aquela mosca pousada bem na ponta do nariz: o jornal é do psicólogo e não da instituição que o produz. Esta visão privilegiada permitiu que o Jornal do Psicólogo se tornasse referência não somente no meio Psi, mas também entre editores de house organs e um público bem diversificado, formado por profissionais e formadores de opinião de diversas áreas.

Este reconhecimento nos permite até cometer uma ligeira ousadia. Apelando para aquele nosso velho chavão etílico, assim defino o Jornal do Psicólogo: quanto mais velho, melhor. Saúde!

Andréa Rocha

Jornalista, foi assessora de imprensa do CRP-04 de 88 à 89 e de 92 à maio de 94. Foi a responsável pela produção do JP durante este período, tendo participado da criação de seu novo projeto. Atualmente trabalha na assessoria de imprensa da Secretaria de Estado da Cultura.



MARCELO KRAISER